



**INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CAMPUS MESQUITA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**REJANY LOPES DE OLIVEIRA**

**A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL:  
MEMÓRIAS DO ALIJAMENTO E INCLUSÃO NO MERCADO EDITORIAL**

MESQUITA/RJ

2021

**REJANY LOPES DE OLIVEIRA**

**A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL:  
MEMÓRIAS DO ALIJAMENTO E INCLUSÃO NO MERCADO EDITORIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Mesquita do Instituto Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior

MESQUITA/RJ

2021

O48e

Oliveira, Rejany Lopes de.

A escritora negra no Brasil: memórias do alijamento e inclusão no mercado editorial. Rio de Janeiro: Mesquita, 2021.

85 p. il.

Artigo (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – do Programa de Pós- Graduação do IFRJ / Campus Mesquita, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Heleno Álvarez Bezerra Júnior.

1. Mulher escritora – raça negra. 2. Mercado editorial. 3. Educação Profissional. 4. Educação técnica. I. Oliveira, Rejany Lopes de. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

Artigo/IFRJ/CMesq ProfEPT/PG

Acervo Campus Mesquita  
Ficha catalográfica elaborada por  
Marcos F. de Araujo.  
CRB7 / 3600.

**PROGRAMA DE PÓS  
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

---

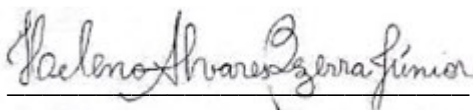
**REJANY LOPES DE OLIVEIRA**

**A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL:  
MEMÓRIAS DO ALIJAMENTO E INCLUSÃO NO MERCADO EDITORIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 30 de julho de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior  
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

Orientador



Prof. Dr.<sup>a</sup> Michele Waltz Comarú  
Instituto Federal do Rio de Janeiro



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michela Rosa Di Candia  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**PROGRAMA DE PÓS  
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

---

**REJANY LOPES DE OLIVEIRA**

**ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA REMOTA**

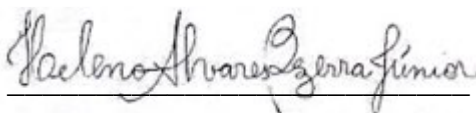
**A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL:**

**MEMÓRIAS DO ALIJAMENTO E INCLUSÃO NO MERCADO EDITORIAL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 30 de julho de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

Orientador



Prof. Dr.<sup>a</sup> Michele Waltz Comarú

Instituto Federal do Rio de Janeiro



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michela Rosa Di Candia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho à minha mãe, Derly, e para todas as mulheres da minha família, que de alguma forma contribuíram para este momento.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos às seguintes pessoas:

À minha irmã Carla, por todo incentivo e companheirismo prestados a mim.

Às minhas amigas Rafaella e Michelle, por ouvirem cada desabafo com carinho e palavras de conforto para seguir em frente.

Ao meu orientador Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior, pela sua paciência, disposição e orientação atenciosa, o que tornou possível este trabalho acontecer.

A todos os professores do PROFEPT IFRJ Campus Mesquita, por todo conhecimento e formação que recebi.

Aos meus colegas do mestrado, por compartilharmos nossa trajetória, angústia e inseguranças, e sempre nos encorajarmos a permanecermos firmes e esperançosos.

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo promover uma reflexão dos discentes do IFRJ sobre a participação das mulheres negras no mundo do trabalho, especificamente no mercado editorial brasileiro por meio de roda de conversa remota, mediante a escolha de textos presentes na **Antologia pessoal de Carolina Maria de Jesus** (1996), **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008) e **Só por hoje eu vou deixar o meu cabelo em paz** (2014). Mais especificamente, a pesquisa de que resulta este artigo, a partir da seleção de textos de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, procurou elucidar a relação entre a mulher negra e o mercado de trabalho das Letras, considerando os privilégios do homem branco de classe dominante no mercado editorial nacional até os dias de hoje. Assim sendo, o trabalho apresenta resultados de um produto educacional que discute as questões de marginalização e protagonismo da mulher negra, enquanto profissional da literatura no Brasil; autoras que conseguiram superar as barreiras e o silenciamento recorrentes na produção literária nacional. E, para tanto, o presente trabalho problematiza o *feedback* de uma roda de conversa remota com debates e reflexões com os textos literários junto a um coletivo negro, composto por alunos do Curso de Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Pinheiral, interessado em entender e debater aspectos das relações de poder e privilégio étnico-raciais e de gênero no mercado editorial brasileiro a partir de fragmentos de poemas recitados e coletivamente analisados; poemas estes de autoria das escritoras supracitadas.

**Palavras-Chave:** ProfEPT. Escritoras negras. Mercado editorial. Educação Profissional e Tecnológica. Roda de conversa.



## ABSTRACT

This work aims to set up an online chatting group made of IFRJ students about black women in the labor world, specifically about their protagonism in Brazilian publishing market. To do so, the program exploits literary texts produced by Carolina Maria de Jesus (1996), **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008) e **Só por hoje eu vou deixar o meu cabelo em paz** (2014). More specifically, the research, based on such selection, seeks to elucidate the relationship between black women and their voicing in the literary labor market, considering the upper-class white man's privileges in Brazilian publishing system until today. Therefore, the work intends to create an educational product that discusses the issues of black women's marginalization and protagonism as literary professionals in Brazil; authors who (have) managed to overcome the recurrent barriers and silencing typical of Brazilian literary publishing environments. To this end, a recorded virtual meeting with a discussion group took place including the reading and a collective analysis of literary texts comprising fragments of poems by the aforementioned writers. The target public consisted of a study group made of high-school black female students from The Federal Institute of Rio de Janeiro (IFRJ), Pinheiral Campus, who proved to be interested in understanding and debating aspects of power relations concerning ethnic-racial and gender-based historical privileges in Brazilian publishing houses historically speaking.

**Keywords:** Professional Technological Education (EPT). Black woman writers. Publishing market. Discussion Group.

## LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1 – Apêndice A - Café.....</u>	<u>61</u>
<u>Figura 2 – Apêndice A - Panelinha em almoço no Hotel Rio Branco .....</u>	<u>62</u>
<u>Figura 3 – Apêndice A -Cerimônia de Posse do acadêmico Antonio Cicero .....</u>	<u>63</u>
<u>Figura 4 – Apêndice A -Trabalhadores na Fazenda Junuca .....</u>	<u>64</u>
<u>Figura 5 – Apêndice A - Maria Firmina dos Reis .....</u>	<u>65</u>
<u>Figura 6 – Apêndice A - Carolina Maria de Jesus .....</u>	<u>65</u>
<u>Figura 7 – Apêndice A - Conceição Evaristo .....</u>	<u>66</u>
<u>Figura 8 – Apêndice A - Cristiane Sobral .....</u>	<u>66</u>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IFRJ – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	13
1 INTRODUÇÃO .....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	17
2.1 A mulher negra e o trabalho no Brasil .....	18
2.2 O mercado editorial brasileiro .....	20
2.3 O pós-colonialismo e a mulher negra como escritora .....	21
2.4 Memória e escrita .....	25
3 METODOLOGIA .....	28
4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES) .....	32
5 CONCLUSÕES (CONSIDERAÇÕES FINAIS).....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL.....	49
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO .....	77
ANEXO A – BIOGRAFIA .....	78
ANEXO B – EXCERTOS DAS POESIAS .....	82

## APRESENTAÇÃO

A trajetória da presente pesquisadora, na qualidade de discente no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), iniciou-se em 2018, no primeiro processo seletivo do programa. Ao estudar os textos selecionados sobre trabalho e educação, educação integral, mundo do trabalho, formação para cidadania completa etc., houve entusiasmo da então candidata, pois tratava-se de temas e alguns autores estudados dentro de sua formação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), concluída no ano de 2014.

Ingressando no PROFEPT, a mestranda desfrutou de novas aprendizagens e reflexões sobre a educação profissional do nosso país. Além disso, deparou-se com outros desafios como, por exemplo, a elaboração de um produto educacional enquanto requisito obrigatório do programa. Atuando como professora de Educação Infantil, foi instigada a pensar na aplicação deste material fora do seu ambiente de trabalho. Enquanto cursava a disciplina Metodologia de Pesquisa, todos os discentes conceberam um memorial aberto sobre suas experiências pessoais e acadêmicas, bem como propuseram um projeto. Esse processo permitiu a autora refletir sobre aquilo que tinha interesse em pesquisar.

Levando em consideração sua predileção por temas raciais, de gênero e literatura, pensou-se então elaborar uma pesquisa que contribuísse para a formação dos alunos do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), que privilegiasse o reconhecimento e a valorização de mulheres negras e lançasse uma reflexão sobre as mesmas no mundo do trabalho. Com o direcionamento do orientador, surgiu a ideia de estudar escritoras afro-brasileiras e o processo de alijamento que enfrentaram e enfrentam no mercado editorial nacional por meio de um debate amplo acerca de mulheres afrodescendentes no mundo do trabalho.

Tendo por anseio promover uma reflexão crítica sobre a histórica exclusão da profissional escritora negra no mercado editorial, recorreremos à roda de conversa remota para ser o canal propulsor da pesquisa, utilizando obras literárias de autoras negras para tal intuito. Desse modo, o projeto iniciou-se com o estudo minucioso do livro **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. vol. 1-4** (2014) organizado por Eduardo A. Duarte, com o propósito de investigar autoras afro-brasileiras publicadas no Brasil, conhecendo, assim, suas respectivas produções literárias. A partir deste ponto, foi possível selecionar as que fazem parte deste estudo. Perante a limitação do tempo disponível para a

realização da roda de conversa bem como a necessidade de torná-la objetiva, escolheram-se trechos de textos que também abordassem questões de memória e trabalho direta ou indiretamente, considerando que estes eixos perpassam todo o trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao retratarmos questões da memória ou esquecimento da mulher negra na história do mercado editorial brasileiro, lançamos um olhar sobre o universo em voga a partir dos postulados teóricos marxistas sobre o trabalho, contextualizando-o histórica, cultural e socialmente. Isso porque, para Karl Marx, o labor assume formas historicizantes específicas nos diferentes modos de produção e organização social (FRIGOTTO, 2008). Com base na perspectiva marxista, a natureza do trabalho, enquanto objeto, é historicamente determinada, seguindo a especificidade dos modos produção e contextos em que se inserem, aspecto este que nos incentiva a discutir memórias laborais, ao refletirmos sobre o alijamento da mulher negra em espaços intelectuais brasileiros em mais de uma era. Afinal, que condições históricas a mantiveram longe da esfera acadêmica/literária? Vislumbrando a atividade laboral como ícone de significação existencial do sujeito, postulamos que, segundo Marcela Pronko e Lucia Maria Neves (2008), o objeto em questão, para Marx, é concebido como um processo em que o ser humano, com sua própria ação, intervém, regula, controla a natureza. A ação desse ser modifica não só o ambiente ao redor, mas também a sua própria natureza identitária. Se o trabalho diz respeito “à produção de todas as dimensões da vida humana” (FRIGOTTO, 2008, p. 400), pensar o afastamento da mulher negra de esferas de instrução formal evidencia como as dimensões laborais da população afrodescendente caminharam à margem do universo intelectual no Brasil e que desafios enfrentaram essas bravas mulheres ao emergir em tal nicho literário.

As análises históricas sobre as mulheres negras e o trabalho no Brasil são teoricamente baseadas em Saffioti (2013), Nascimento (2006) e Gonzales (2020). Quanto a referências sobre o mercado editorial no Brasil, recorreremos a El Far (2006), Sodré (1999), Lajolo e Zilberman (1996; 1991) e Cuti (2010). Para auxiliar a compreensão da trajetória percorrida pelas escritoras negras em seus trabalhos, buscamos teóricos pós-coloniais como hooks<sup>1</sup> (2018 e 2019), Bonicci (1998) e Hall (2003). Para tratar de aspectos das autoras afrodescendentes, recorreremos a Silva (2012), Evaristo (2005), Azevedo (2015) e Gomes

---

<sup>1</sup> O sobrenome se mantém em minúsculo por opção da teórica, como esclareceremos adiante.

(2004). Em se tratando de teorias sobre a representação da memória através da arte, Canton (2009) e Azevedo (2015) despontam como referências preponderantes.

Também como alicerce teórico para este estudo, consideramos os pressupostos pedagógicos e políticos dos Institutos Federais para a formação humana integral e omnilateral abordados por Araújo e Frigotto (2015), Frigotto (2008 e 2018), Lima Filho *et al* (2015), dando relevância à modalidade de educação não-formal para a formação educacional exposta por Gohn (2006).

Este estudo insere-se na linha de pesquisa “Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT” no macroprojeto 4 - História e memórias no contexto da EPT. Para a realização deste trabalho, a metodologia definida foi a pesquisa qualitativa, seguindo a técnica da pesquisa-ação de acordo com Thiollent (2003) e Gerhardt e Silveira (2009). A roda de conversa foi pensada como ferramenta para coleta de dados e produto educacional. A intenção era que a mesma fosse um ambiente incentivador para trabalhar a participação e a reflexão sobre as escritoras negras no mercado editorial e no mundo do trabalho. Para tanto, a pesquisadora apoiou-se nas considerações de Moura e Lima (2014), Melo e Cruz (2014) e Warschauer (2001 e 2017). Por conta do isolamento social em virtude da Covid-19, a roda de conversa necessitou ser alterada para o formato remoto, seguindo os pressupostos para atividades sincrônicas de acordo com Costa (2020) e Tânia Cristina Meira *et al* (2020). As autoras afro-brasileiras selecionadas para compor a pesquisa foram: Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Carolina Maria de Jesus (1914- 1977), Conceição Evaristo (1946- ), e Cristiane Sobral (1974 –). A execução da roda de conversa remota se deu pela plataforma Google Meeting. A partir da gravação, obtiveram-se os dados para a etapa dos resultados.

O problema da pesquisa teve a finalidade de promover reflexão crítica dos alunos e alunas participantes do Coletivo Preto do IFRJ, Campus Pinheiral quanto ao alijamento da escritora literária negra enquanto profissional no mercado editorial. O objetivo geral foi conscientizá-los da participação das mulheres negras no mundo do trabalho, especificamente no mercado editorial brasileiro por meio de roda de conversa remota. A mesma pesquisa teve, como objetivos específicos, debater acerca das razões do cerceamento das escritoras afro-brasileiras no mercado editorial, valorizar as escritoras negras e suas obras literárias e formular uma roda de conversa remota com textos literários de autoras afrodescendentes recitados com fundo musical.

De fato, estudantes do IFRJ Campus Pinheiral, pertencentes ao Coletivo Preto, constituíram o público-alvo, mediante o interesse por temáticas étnico-raciais. A experiência

da roda de conversa remota com os discentes oportunizou construir diálogos abertos, momentos de compartilhamentos de sentimentos e a compreensão da importância de espaços favoráveis à ampliação dos debates acerca das mulheres negras no mundo do trabalho. A saber, a escritora homenageada na roda de conversa foi Maria Firmina dos Reis (1822-1917), por ser a primeira mulher afro-brasileira a publicar um romance em território nacional. Entretanto, trechos poéticos de autoria de Carolina Maria de Jesus (1914- 1977), Conceição Evaristo (1946- ), e Cristiane Sobral (1974 –) foram analisados por abordarem, especificamente, o tema em voga.

Com isso, a pesquisa pôs em prática discutir a importância de analisar questões sobre o protagonismo da mulher negra em espaços editoriais, sobretudo, no universo literário na História do Trabalho no Brasil, assegurando a legitimidade deste estudo em EPT porque, em nossa sociedade, o escritor é uma profissão emblemática, uma atividade tradicionalmente elitista, sendo historicamente exercida por homens brancos de classes dominantes. Afinal, quando examinamos os papéis a que as mulheres negras estavam sujeitas a desempenhar na economia escravista brasileira séculos atrás, vemos “que a exploração econômica da escrava, [era] consideravelmente mais elevada que a do escravo, por ser a negra utilizada como trabalhadora, como mulher e como reprodutora de força de trabalho” (SAFFIOTI, 2013, p. 237). Após a abolição, à mulher negra foram destinadas funções socialmente desvalorizadas, pouco remuneradas e informais, ficando à margem das funções produtivas, questão essa discutida no debate e a ser retomada e desenvolvida adiante.

Quanto à disposição dos conteúdos, o presente artigo traz uma breve contextualização, problematização e os objetivos do projeto. Em primeiro instante, será tratado o referencial teórico, criando diálogo entre os autores e para embasamento da investigação científica. Logo após, na metodologia, será exposto o percurso adotado para a realização da pesquisa. Em seguida, serão esmiuçadas a elaboração e a execução da roda de conversa remota bem como os resultados obtidos. Em sequência, serão apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

Ainda fazem parte deste artigo os Apêndice A - Produto Educacional - com a descrição e o roteiro fruto do produto educacional; Apêndice B – Questionário -, Anexo A – Biografia – uma breve biografia das escritoras negras apresentadas na roda de conversa; e Anexo B – Excertos das poesias – os textos literários utilizados.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o nascimento no século XVII, a literatura brasileira constituiu uma prática exclusiva do homem branco. Durante os oitocentos, a intelectualidade não cabia à mulher caucasiana, muito menos à mulher negra, forçada ao trabalho escravo. Excepcionalmente, três homens afro-brasileiros despontaram no campo literário nacional: Machado de Assis, embranquecido pela riqueza; Cruz e Souza, tolerado pelas elites; Lima Barreto rejeitado por ser pobre e fazer críticas ferrenhas ao governo. Então, é possível imaginar que, em um sistema patriarcal, hegemônico e etnográfico, se o homem negro não se despontava no mercado editorial, infimamente menores eram as oportunidades para a mulher afro-brasileira nesse campo.

Diversas foram as profissões elitizadas exercidas por profissionais predominantemente masculinos e brancos. Dentre elas podemos citar a de escritor. A literatura ocidental foi produzida por sociedades hierárquicas e patriarcais em que a participação da mulher era invisibilizada. Somente entre os séculos XVIII e XIX, começaram a surgir escritoras na produção literária ocidental (SANTIAGO, 2012). Como resultado desses processos hierárquicos e patriarcais, “o silêncio cerca historicamente a prática literária de mulheres, provocando indiferença acerca de suas produções. Tal apagamento invisibiliza seus nomes e obras” (SANTIAGO, 2012, p. 148). O desconhecimento e invisibilidade de autoras negras é mais agravante, ao percebermos que esse fato se dá por mecanismos de exclusão e racismo.

Durante a aplicação do produto educacional para nosso público-alvo, falamos, em primeiro lugar, sobre os pressupostos teóricos a respeito da educação politécnica e integrada. Afinal, a proposta pedagógica dos Institutos Federais de Educação origina-se de um projeto político institucional (PPI) com vista para a formação de cidadania e profissional, crescimento da justiça social; quiçá, para a superação da divisão de classes com base no pensamento de Paulo Freire, segundo o qual o indivíduo deve se letrar a partir de práticas construtivistas, edificando o saber a partir da interação com o meio sócio-histórico-cultural a fim de promover cidadania e a formação crítico-política. Dentro desta visão, o trabalho é contemplado como princípio educativo, capaz de propiciar despertares epistemológicos e se tornar uma atividade dignificante.

Assim sendo, o Instituto Federal, em rede nacional, espera que, por meio da interdisciplinaridade e integralidade, o aluno pense, de modo omnilateral, as formas de saber encontradas nas disciplinas técnicas conjuntamente com as do propedêutico; e entenda que,

para serem futuros cidadãos cômicos de seus direitos, precisam muito mais que simples conhecimento técnico-específico, a fim de pensarem criticamente o mundo em que vivem desde o espaço micro ao macro e perceberem a própria vivência em sociedade como ato político (ARAUJO; FRIGOTTO, 2015). Baseando-se nos conceitos de educação politécnica e escola unitária, o ensino integrado pode ser compreendido como proposta pedagógica voltada para uma formação humana integral. Uma formação que é o contraponto da educação fragmentada, consequência de um sistema educacional classista que vê a escola como formadora de seres humanos mutilados, unilaterais (LIMA FILHO *et al*, 2015).

Contudo, para além disso, pensar sobre o ensino integral defendido pelos Institutos Federais de Educação Profissional, Ciência e Tecnologia a educação não se restringe somente à sala de aula, inclui também a modalidade de educação não-formal. Educação esta que, segundo Glória Maria Gohn, pode ser definida como:

[...] um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacidade dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.(GOHN, 2006, p. 28).

Ao utilizarmos a literatura como estratégia pedagógica para a prática da pesquisa-ação num espaço de educação não-formal, compartilhamos informações que ajudaram na formação humana integral dos participantes do coletivo. Isso, porque a literatura, além de proporcionar à mulher negra, com recente protagonismo em espaços editoriais no Brasil, ajuda-nos a propiciar e difundir denúncia social através de representações miméticas da realidade com tom mais intimista, sentimental e comovente. Quanto à educação não-formal, a definição que Gohn (2006) propõe para o conceito da sustentabilidade ofertou maior suporte à proposta de trabalhar com o Coletivo Preto em espaço não-formal. De fato, a educação não-formal pode, assim, ser compreendida como uma área de conhecimento que possibilita processos educativos de construção de saberes via o compartilhamento de experiências, ocorridas em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006).

## 2.1 A mulher negra e o trabalho no Brasil

Quanto à exclusão da mulher negra no espaço editorial, consideremos que, a partir da

ocupação portuguesa em 1500, conforme explica Heleith Saffioti, “o processo da colonização brasileira constitui [...] o estabelecimento de uma economia colonial dependente, servindo aos interesses do florescente capitalismo mercantil europeu” (2013, p. 203). De certo, a economia brasileira foi determinada para atender aos interesses da metrópole além-mar, que utilizava mão de obra escrava oriunda de diversas partes da África. Beatriz Nascimento (2006) argumenta que, no sistema escravista, as mulheres afrodescendentes desempenharam um papel ativo de corpo servil e matricial. Como escravizadas, eram trabalhadoras não somente nas ocupações da casa-grande, do campo, mas também deveriam gerar novos cativos, sendo, assim, reprodutora de força do trabalho para o sistema agrário e escravagista.

Mesmo após a questionável Abolição, a situação da mulher afrodescendente não resultou em uma mudança positiva. O trabalho dela foi duplicado, cabendo-lhe o sustento da família, bem como o serviço duro nas casas dos patrões. Houve uma continuidade utilitária nas condições laborais no que diz respeito à mulher negra, não ocorrendo muita modificação em seu papel como trabalhadora (NASCIMENTO, 2006). O legado escravocrata fez com que fosse recrutada para desempenhar papéis socialmente desvalorizados. Com isso, Lélia Gonzales (2020) evidencia que o racismo no Brasil é uma construção ideológica e um conjunto de práticas que perpetua e reforça a reprodução dos lugares de classe. Essa perversa tradição...

[...] denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema da estratificação social. Desnecessário dizer que a população negra, em termos de capitalismo monopolista, é que vai constituir, em sua grande maioria, a massa marginal crescente (GONZALES, 2020, p. 35).

Semelhantemente, Beatriz Nascimento (2006) expõe que a sociedade brasileira tem um sistema econômico que estabelece espaços na estrutura de classes, usando mecanismos para escolher quem irá preenchê-los. Um dos mecanismos utilizados é o critério racial, fazendo com que a força de trabalho negra seja relegada aos empregos de menor qualificação e pior remuneração. A população afrodescendente acaba ocupando, de forma contínua, os mesmos lugares na hierarquia social de classes. Desde a escravidão, à mulher afrodescendente, são destinados os mesmos espaços e papéis. Deveras, ainda hoje permanecem em empregos similares aos que exerciam na sociedade colonial, tanto por fatores raciais quanto pela ancestralidade em cativo. Lélia Gonzales (2020) ressalta ainda

“[...] na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZALES, 2020, p. 56). Como exposto pelas autoras acima, as escritoras afro-brasileiras foi obrigada a confrontar toda uma hierarquia social com práticas materiais de discriminação que lhe impediam galgar um lugar de prestígio na sociedade e conseguir atuar, por exemplo, como intelectuais das Letras. Com isso, o passado dos grillhões se estende ao presente não somente por metáfora, mas por falta de oportunidades que retirem o corpo negro feminino desse estigma de ostracismo e dupla inferioridade, como salienta Gonzales.

## 2.2 O mercado editorial brasileiro

Para entendermos as escritoras negras e a exclusão das mesmas no mercado editorial, é preciso fazer um breve resgate histórico do surgimento desse ramo em território nacional. Segundo Nelson Sodré (1999), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996; 1991) e Alessandra El Far (2006), somente após a vinda da coroa portuguesa para o Brasil em 1807, livros passaram a ser publicados em território luso-americano. Isso ocorreu quando D. João VI, fundou a Impressão Régia, aos 13 de maio de 1808. Antes deste marco histórico, na qualidade de colônia portuguesa, o Brasil estivera sujeito às leis metropolitanas, segundo as quais, era proibida a publicação de obras aqui. As pessoas que moravam no Brasil eram obrigadas a importar tomos de Portugal tendo que enfrentar uma série de burocracias e custos do transporte (EL FAR, 2006). Alessandra El Far expõe que “por conta da política colonial portuguesa, que proibia qualquer tipo de impressão, e de um limitado acesso à instrução e à educação, o volume impresso no Brasil, por um longo período percorreu circuitos bastante restritos” (EL FAR, 2006, p. 9-10).

Nos quatro primeiros séculos de Brasil, escritores luso-americanos viram-se dependentes da literatura europeia, principalmente portuguesa. A dominação da metrópole não se limitou no aspecto político e econômico, abrangendo a cultura e, conseqüentemente, a literatura. As obras eram julgadas por uma crítica que obedecia aos requisitos do padrão da metrópole, valorizando ou desqualificando o que aqui se produzia segundo modelos estrangeiros (CUTI, 2010).

Cuti (2010) relata que os críticos majoritariamente brancos se destinavam a potenciais leitores também caucasianos. Escritores negros sempre estiveram sujeitos à recepção ideologicamente eurocêntrica. O autor afro-brasileiro tinha ciência de que o branco

estava na posição de editor, crítico, professor, jornalista, livreiro e leitor. De fato, um dos obstáculos que os escritores negros enfrentaram para terem suas obras publicadas devia-se a um mercado editorial ocupado por pessoas euro-brasileiras.

Apesar das barreiras já mencionadas no tocante ao mercado editorial brasileiro, dispomos de bravos autores afro-brasileiros que desafiaram e encararam esta estrutura excludente e, assim, publicaram suas obras. Um exemplo notório para a literatura nacional foi a escritora negra maranhense Maria Firmina dos Reis, sendo a primeira autora de romance no Brasil, com **Úrsula**, romance original brasileiro (1859). A participação de dos Reis no mundo literário marca a entrada de mulheres negras no Brasil, num ato emancipatório em termos intelectuais e socioculturais.

Com o passar do tempo, os escritores negros se reposicionaram com o surgimento de leitores afrodescendentes e de uma crítica com base no movimento da negritude, fazendo com que os autores afro-brasileiros passassem a se sentir mais confiantes para publicar representações subjetivas da realidade histórica a partir de olhares que destoassem da perspectiva colonizante. Esse processo teve, como um dos marcos importantes, em 1978, o surgimento do Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial (MNCDR); movimento este que, depois, passou a se chamar Movimento Negro Unificado (MNU); embora antes disso, no início do século XX, já existissem associações negras em várias partes do país. Tais conquistas tornaram a recepção de escrituras de autoria afro-brasileira mais solidária, estimulando os escritores negros a escrever, na expectativa de que, para além do processo de criação e publicação, leitores específicos apoiariam e apreciariam trabalho etnicamente engajados (CUTI, 2010). Mesmo assim, a divulgação dessas questões ainda é restrita, em virtude de uma resistência do grande público leitor, predominantemente branco, para com a causa, por ignorância do assunto ou romantização de uma mentalidade que preserva as relações de poder entre o casarão e a senzala. Perante as circunstâncias expostas, não é de se admirar a dificuldade que as escritoras negras enfrentavam para terem suas obras publicadas bem como o devido reconhecimento como intelectuais das Letras.

### 2.3 O pós-colonialismo e a mulher negra como escritora

Em virtude de questões políticas e étnico-raciais, a teoria pós-colonial é uma vertente que nos ajuda a compreender os percalços e desafios que as escritoras negras enfrentaram e enfrentam em seus trabalhos, ao assumirem a incumbência de promover um rompimento com modelos hegemônicos, capazes de determinar a forma de que nos vemos, pensamos e

nos projetamos como indivíduos. Tais modelos obstruem nossa capacidade de vislumbrarmos um outro ponto de vista além da mentalidade eurocêntrica, por meio do qual podemos nos imaginar, nos descrever e nos reinventar de uma maneira libertadora (hooks, 2019). Nascido na década de 1960, em ex-colônias britânicas, o pós-colonialismo trouxe reflexões sobre as fortes marcas histórico-culturais presentes em antigos espaços de colonização, sobretudo a presença da língua colonizante através da qual o colonizado critica e admite sua dependência para com a ex-metrópole e censura a prepotência do país colonizador que culturalmente o assombra. Assim sendo, o pós-colonialismo propõe uma incessante indagação das relações existentes entre cultura e imperialismo com o propósito de compreender a política e a cultura na esfera da descolonização. Além do mais, preocupa-se em criar um contexto vantajoso para os que foram marginalizados e oprimidos, recuperando assim sua história, sua voz, e abrindo espaço nos ambientes acadêmicos para a discussão de demandas antes invisibilizadas, dentre elas, as pautas da mulher negra (BONICCI, 1998).

Também para Stuart Hall (2003), o pós-colonialismo oferece uma narrativa alternativa, destacando contextos chave, intencionalmente distantes de uma narratologia clássica embasada em padrões coloniais. Conseqüentemente, o pós-colonial tem gerado movimentos para erguer formas distintas de superação da dominação e de resistência escritas em outras narrativas e formas de vida. Tais estratégias são deslocamentos e reposicionamentos utilizados para perturbar as relações de poder coloniais perpetuadas no contexto pós-colonial. Criando uma interseccionalidade entre gênero e etnicidade, Thomas Bonicci (1998) declara que as mulheres oriundas de espaços de colonização foram duplamente colonizadas, haja vista a objetificação da mulher interceptando questões de classe e raça. Segundo o autor, a melhor estratégia para a descolonização feminina é o uso da linguagem e da experimentação linguística. Nesse sentido, a produção literária de mulheres negras se torna uma ferramenta poderosa, favorável à participação do corpo feminino não branco na esfera do trabalho intelectual.

Entender a descolonização, conforme salienta bell hooks<sup>2</sup> (2019), é estabelecer um enfrentamento contra um sistema de pensamento hegemônico envolvendo um grande processo de libertação histórico-cultural. Propõe-se uma reforma de estruturas dominantes, quer seja linguística, discursiva, quer ideológica. A partir dessa percepção, as escritoras negras encaram a tarefa de transformar cenários culturalmente delineados, criar alternativas subversivas, desenvolver alternativas críticas ao pensamento hegemônico caucasiano,

---

<sup>2</sup> A teórica mantém o nome em minúsculo como símbolo de representatividade das minorias.

heteronormativo; alternativas essas que, de modo geral, sejam capazes de transformar visões de mundo. E, ao refletirmos, finalmente, sobre o protagonismo de autoras negras no universo editorial brasileiro, deparamo-nos com uma luta árdua, travada quotidianamente, no esforço de romper as barreiras que surgem ao longo do exercício da profissão. Como afirma Ana Rita S. da Silva:

Ao engendrar uma discussão em torno de projetos literários, no que se refere a rupturas com o que já está estabelecido e proposto pela tradição da arte literária no Brasil, torna-se, como se propõe estes textos, imprescindível evidenciar alguns caminhos significativos e inovadores que mulheres negras têm percorrido para banir práticas de apagamento de sua escritura, bem como promover representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios. Embora ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si e suas africanidades (SILVA, 2012, p. 19).

As escritoras negras se empenham para chamar atenção da sociedade para o pequeno percentual de publicações de mulheres não brancas como forma de pensar representatividade social. hooks (2018) diz que são variadas e multidimensionais as razões pelas quais poucos trabalhos de escritoras negras são publicados, porém, infere que as mais óbvias sejam o racismo, machismo e a exploração de classe como expressões que silenciam e reprimem. Já as menos evidentes dizem respeito às lutas internas, à falta de confiança necessária para escrever, reescrever, desenvolver de forma completa a arte e habilidade. O movimento de ocupação desse lócus literário comprova um processo de transgressão por meio do qual as mulheres procuram sair do ambiente privado de subalternidade e, assim, apropriar-se de espaços públicos de privilégio (SILVA, 2010).

Assim sendo, as escritoras negras partem em combate à cultura falo-eurocêntrica hegemônica, em busca de produzir obras literárias próprias, indo contra o silenciamento e apagamento encontrados no mundo literário. Lutando contra o estereótipo da mulher negra nos discursos artísticos, escritoras afro-brasileiras passam a produzir, numa mobilização de resgate, a valorização e representação das mulheres negras num exercício de desconstrução/construção identitária. Desse modo, observemos o que Maria Conceição Evaristo, escritora negra das gerações mais recentes, assinala:

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Criam, então uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do outro como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito – mulher – negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca

semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Ganhando destaque não somente na ficção mas, avançando no trabalho de construção teórica da mulher negra e literária no Brasil, a escritora Conceição Evaristo cunhou o termo *escrevivência* como uma maneira de designar, à escritura negra, o resultado de próprias experiências, como também o resgate da memória ancestral (AZEVEDO, 2015). Nesse contexto, a escrita da mulher afro-brasileira é marcada pelas “lembranças dos antepassados, marcados pelo sofrimento, sob a escravatura e, hoje, no cotidiano difícil de mulher negra” (AZEVEDO, 2015, p. 338). A proposta de Evaristo encontra-se alinhada com a compreensão de identidade cultural prevista na teoria pós-colonial postulada por Stuart Hall (2003), segundo o qual, a identidade cultural é fragmentada, apresentando, dentro de si, fatores como gênero, etnia, raça, classe etc., presentes na temática em voga.

Também de acordo com Hall, Gomes (2004), esclarece que os textos de escritoras afrodescendentes são caracterizados pela marcante presença dos fatores social e de gênero. São obras que estão fortemente associadas ao desígnio de mulher negra. E, como isso é representado em trabalhos de escritoras afro-brasileiras, elas acabam “vendo-se inseridas e engajadas na própria contemporaneidade, com a consciência indelével de compartilharem de um passado comum – passado este atravessado pela escravidão, pela diáspora e pelas marcas da discriminação racial e sexual” (GOMES, 2004, p. 14).

Quando a mulher negra produz uma obra, constrói uma ponte entre o passado e o presente. Ela traduz, atualiza e altera, por meio de uma nova produção cultural, o conhecimento e experiências adquiridos através de gerações de mulheres. Conforme acrescenta, Azevedo (2015), ao escrever e dar voz aos personagens negros, é concretizada uma das finalidades da literatura afro-brasileira: revisar a história oficial da presença negra no Brasil, escrevendo obras que contenham a fala do próprio negro enquanto sujeito, concedendo-lhe a afirmação da própria voz. Quando a autora negra se recusa a ser representada pelo colonizado, ela se torna dona de uma voz que desmentirá a imposição de afasia atribuída a ela com base numa tradição escravista (GOMES, 2004).

A fala materializa o ato tanto de abraçar uma autotransformação ativa quanto de se realocar nos espaços de representação social. Por meio da voz, a pessoa deixa a condição de objeto para assumir a posição de sujeito. Na qualidade de sujeitos, nós, mulheres negras, podemos falar. Sendo objetos permanecemos sem voz, ficando definidas e interpretadas por outros (hooks, 2018). Ao refletir sobre a força da voz, a poeta e acadêmica bell hooks



(2018) argumenta que, para as pessoas negras e não brancas, a verdadeira fala não é apenas uma expressão de poder criativo. Envolve ser um ato de resistência, um gesto político que enfrenta as forças de dominação que nos silenciam. Ter uma voz libertadora é lutar para acabar com a dominação, a luta individual contra a colonização. Deixar de ser objeto para ser sujeito, possuir uma fala que se impõe como resistência e oposição, e não mais como posição de objeto oprimido. Há uma reivindicação de mudanças nos paradigmas, o desenvolvimento da capacidade dialógica de falar e escutar, para assim operacionalizar uma nova forma articulação nas relações de poder.

#### 2.4 Memória e escrita

Na qualidade de escritoras, tais mulheres negras construíram (e/ou constroem) uma narrativa da memória capaz de transmitir as experiências pessoais e memórias que se tornam elementos vivos e pulsantes, transcendendo, até mesmo, a vida e a morte através de um legado em forma de texto-documento. Como explicita Kátia Canton (2009):

O próprio narrador, que pode ser vivido sob figura do artista e criador, deveria, pois, transmitir o que a tradição oficial ou dominante não recorda. Essa tarefa, aparentemente paradoxal, consiste na transmissão do inenarrável, uma fidelidade aos mortos, sobretudo quando desconhecemos seus nomes e seu sentido (CANTON, 2009, p. 29).

Isso porque a arte consegue recordar as memórias pessoais, constrói um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade. “É também território de recriação e de reordenamento da existência” (CANTON, 2009, p. 21-22). Afinal, a arte tem o poder de nos ensinar a sair das obviedades fazendo com que esmiuçemos questões mais profundas da vida, abrindo-nos portas para novas possibilidades. Ela, em nós, desperta um olhar curioso e se situa numa dimensão livre do “pré-conceito” (CANTON, 2009). A literatura constrói e reconstrói a memória do(a) escritor(a) e, com isso, a condição de sujeito-protagonista, pois “a memória [constitui] a condição básica da nossa humanidade” (CANTON, 2009, p. 21). Outrossim, Mail Marques de Azevedo (2015) mostra que o resgate da memória ancestral presente em diversas obras de autoras negras da América tem o propósito de recriar e reinventar a memória do povo negro. As escritoras negras valem-se da memória individual e da memória coletiva para a composição literária (AZEVEDO, 2015). Sendo assim, tais escritoras utilizam as duas categorias de memória supracitadas no processo de reconstrução do mundo ancestral negro em sua literatura, tendo, como ponto de partida, a recordação

individual como fonte para criação de seus textos. Daí, a escrevivência. E, quando precisam recriar e imaginar a vida das pessoas num mundo passado, recorrem às lembranças pertencentes à coletividade com vistas para a ancestralidade. Mail Marques de Azevedo traz o argumento de que a rememoração seja um fenômeno social para reiterar a seguinte reflexão: a “memória individual necessita da memória coletiva como ponto de apoio e reforço, pois é como componentes de grupo que recordamos” (AZEVEDO, 2015, p. 350 – 351). Para nos apropriarmos das memórias coletivas, é necessário estabelecer um entrelace entre as recordações individuais das experiências compartilhadas. Essas autoras acessam as biografias de mulheres que se formam como um propulsor para a criação literária e utilizam a arte para fortalecer o povo negro (AZEVEDO, 2015). Com isso, escritoras mais novas procuram perpetuar uma tradição e resistência contra o alijamento da mulher negra em espaços intelectuais no Brasil.

Por tudo isso aqui mencionado, cremos que tanto o tema estudado quanto o produto educacional desenvolvido tenham sido de grande valia para a conscientização de jovens em formação de trabalho técnico do IFRJ, Campus Pinheiral em conformidade com a demanda teórica do Programa de Mestrado PROFEPT. Afinal, a educação emancipatória, sociocrítica, com vistas para a omnilateralidade proposta por Frigotto prima pela dignificação do sujeito, observando sua relação com a intelectualidade, com o trabalho, o prazer de viver e produzir o que lhe apraz. Falar sobre essas mulheres negras significa suscitar as questões de gênero e etnicidade presentes na diversidade prevista na EPT. Conforme afirma Frigotto: a “diversidade sociocultural, econômica e política implicam nas mais variadas interpretações e contribuições teóricas, sejam pró ou contra os IFs” (2018, p. 87). No escopo da diversidade, o mesmo autor ressalta a importância de maior acesso da pessoa negra à escolaridade. Conforme afirma, “as desigualdades de classe e etnia [...] [são] percebida[s] com nitidez [...]: no universo dos 10% mais pobres da população, 73,5% são pretos/pardos e 26,5% brancos; e, no universo composto pelo 1% mais rico da população, 88,4% são brancos e 11,6% pretos e pardos” (FRIGOTTO, 2018, p. 85). Para além das desigualdades étnico-raciais, o grande teórico da EPT pontua a diferença de condições trabalho e assalariamentos entre os gêneros no mercado de trabalho brasileiro, ao afirmar: “Nas observações sobre a estrutura do mercado de trabalho, são apontadas diferenças na exploração de trabalhadores negros e brancos e entre trabalhadores do sexo feminino e masculino” (FRIGOTTO, 2018, p. 84). Por meio de uma interseccionalidade entre fatores identitários como a etnia e o gênero, apontados por Frigotto, percebemos mais uma vez o papel de subalternidade da mulher negra nos dias de hoje, a importância de lhe dar oportunidades de ascensão sócio-

intelectual e condições para o fazer artístico. E, neste sentido, para além das questões da memória do alijamento, falar da escrita da mulher negra na EPT também evoca o aspecto da diversidade, igualmente cara ao presente programa de mestrado em Educação.

### 3 METODOLOGIA

Como metodologia para a realização deste trabalho foi definida a pesquisa qualitativa, seguindo a técnica da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2003). Entendeu-se que esta escolha proporcionou uma melhor explicação para as dinâmicas sociais que surgiram ao longo da pesquisa, além de compor melhor instrumento metodológico para a compreensão dos dados e informações obtidos do coletivo de estudantes que participou do trabalho (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

Assim sendo, neste trabalho a escolha da pesquisa-ação veio da necessidade de observar e discutir como se deu a reflexão dos estudantes do coletivo, tendo, como objeto de análise, o feedback da roda de conversa remota a respeito do tema abordado.

Como já explicitado, foi realizado um colóquio no formato de Ensino Remoto Emergencial diante do momento ímpar em função da Covid-19 (COSTA, 2020). Como esclarece Tânia Cristina Meira *et al* (2020), o ensino remoto não é sinônimo de Educação a Distância (EaD), apesar de estar diretamente relacionado à tecnologia digital. O mesmo utiliza plataformas virtuais construídas para outros fins, não estritamente os educacionais, como ferramentas auxiliares para práticas educacionais inovadoras para a situação emergencial que estamos passando. As rodas de conversas são um meio que permitem os estudantes expressarem suas opiniões em um local de reflexão sem constrangimento, são propícias à construção de diálogos, troca de pensamentos, com momentos de fala e escuta, o que proporciona compartilhamento de sentimentos e experiências. Quando utilizamos as rodas de conversas, esperamos que elas possam nos conduzir a uma compreensão consensual e coletiva com mais profundidade, ponderação, sobre o assunto compartilhado (MOURA; LIMA, 2014). Elas nos fornecem um espaço em que haja diálogo e interação entre os sujeitos da escola, favorecendo, assim, uma intertroca de percepções e olhares pessoais e recíprocos, não somente no cotidiano escolar, mas também na relação desses alunos com o mundo (MELO E CRUZ, 2014). Os participantes da pesquisa contou com discentes de faixa etária entre 17 e 21 anos, do gênero feminino, pertencentes ao Coletivo Preto IFRJ, Campus Pinheiral. As participantes são estudantes dos cursos técnicos na modalidade integrada: Meio Ambiente e Informática.

A roda de conversa remota foi elaborada a partir da estratégia de grupo focal, constituído de elementos que compartilham interesses temáticos em comum (GATTI, 2012). As vivências das participantes da pesquisa foram de encontro ao tema discutido, porque, embora o convite fosse extensivo a pessoas de todos os gêneros, somente as meninas do

coletivo puderam (ou quiseram) participar. Assim sendo, de maneira não intencional, a composição dos estudantes participantes da roda de conversa ocorreu com pessoas do gênero feminino. Maiores detalhes constam no próximo capítulo. Por fim, a discussão sobre mulheres negras acabou se direcionando para alunas com essa interseccionalidade identitária. O ideal seria discutir a temática com um público diversificado, mas, em tempos de pandemia, nem todos se dispuseram a tal.

O registro das interações na roda de conversa remota se deu através da gravação de um vídeo, além de um *feedback* recebido a partir de questionários no formato de Google Forms preenchidos ao final da atividade. As perguntas contidas nos questionários, presentes no Apêndice B, foram formuladas com base em sugestões elaboradas por Warschauer (2017, p. 122). Tais materiais foram utilizados para a etapa da análise dos dados que escolhemos como material a ser observado com base na Análise do Discurso, nos moldes de Rosalind Gill (2008). Segundo a qual, o discurso se constitui de fala, escritura etc.; aspecto que viabilizou a utilização da produção verbal e escrita das participantes. Segundo Gill,

O termo “discurso” é empregado para se referir a todas as formas de falas e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo. Os analistas do discurso estão interessados nos textos em si, em vez de considerá-los como um meio de “chegar a” alguma realidade que é pensada como existindo por detrás do discurso – seja ela social, psicológica ou material [...] Ao invés de ver o discurso como um caminho para outra realidade, os analistas do discurso estão interessados no conteúdo e na organização dos textos (2008, p. 247).

A roda de conversa foi feita no formato remoto segundo as orientações de Costa (2020), ou seja, como trilha de aprendizagem síncrona, momento em que a conexão acontece em tempo real entre professores e alunos numa plataforma digital. A plataforma que utilizamos foi o Google Meeting. O colóquio remoto teve aproximadamente 1 h e 30 m de duração e contou com uma breve apresentação biográfica seguida das recitações de trechos poéticos de cada autora escolhida.

Assim, adaptamos as atividades da roda de conversa remota, mesclando as sugestões de Warschauer (2017) com as proposições de Costa (2020) do seguinte modo: introduzimos o encontro virtual com uma acolhida dinâmica em consonância com Warschauer (2017) e nos atentamos para a adequação de ferramentas pedagógicas do encontro síncrono, considerando a duração da apresentação, atratividade, leveza, eficácia e concisão do material. Com isso, foi preparada uma apresentação com slides no Power Point seguindo os critérios supracitados. A abertura se deu com a explicação do objetivo da pesquisa, reafirmando a

roda de conversa como um espaço seguro de diálogo para as participantes compartilharem breves informações sobre si mesmas.

O desenvolvimento se deu da seguinte forma: foi feito um levantamento histórico da mulher negra brasileira considerando a escravidão formal, a escravidão informal e dissimulada, a questão do mercado de trabalho associado à domesticidade. Foi destacada a importância da educação em uma perspectiva omnilateral para a mulher negra como alternativa de arrancá-la dessas condições de opressão. Até mesmo porque, historicamente, a mesma não se encontra em paridade de classe com a mulher branca. Uma vez pontuada a relação história, memória, educação sociocrítica para a mulher afro-brasileira, foi feita uma menção honrosa a Maria Firmina dos Reis por seu pioneirismo e participação no mundo literário; porém, optamos por trabalhar com trechos de poemas de Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), Maria Conceição Evaristo (1946 – ) e Cristiane Sobral (1974 – ); trechos poéticos estes que pontuassem, especificamente, escrituras da mulher negra, suas expectativas, sucessos e insucessos como mulheres da literatura no Brasil. Foram, assim, abordados fragmentos das seguintes obras: “Quadros”<sup>3</sup> de Jesus, “De Mãe”<sup>4</sup> de Evaristo e “Ancestralidade na alma”<sup>5</sup> de Sobral. Ao fim da leitura de cada obra, as alunas se posicionaram criticamente, tentando, inclusive, se projetar em tais situações. Houve bastante participação e empolgação das adolescentes, por estarem estas jovens entrando em contato com mulheres inspiradoras por meio da literatura. Foi consenso entre as alunas que é difícil, para a mulher negra, romper tantas barreiras nos dias de hoje, principalmente devido à atual conjuntura política nacional, mas também disseram que se sentiram representadas e encorajadas pelas três poetisas, principalmente Sobral, escritora mais jovem, com uma abordagem mais próxima à realidade das alunas participantes. A questão da identidade cultural da mulher negra como construção histórica e coletiva ficou bem patente para o público-alvo, o que bastante nos alegrou. Em relação as estratégias pedagógicas empregadas, precisamos fazer uma adaptação à realidade virtual. Em princípio, teríamos poemas recitados e musicalizados no encontro. Porém, como a plataforma disponível vem apresentando problemas como travar faixas musicais ou distorcer apresentações de canções em tempo real, optamos por utilizar um fundo musical para a declamação dos textos a fim de

<sup>3</sup> JESUS, Carolina Maria. Quadros. In: ---. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal/ Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 197-202

<sup>4</sup> EVARISTO, Conceição. De Mãe. In: ---. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 79-80

<sup>5</sup> SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade na alma. In: ---. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. p. e-book.

não nos desviarmos demais da proposta inicial.

Para encerramento, fizemos o retorno à pauta principal, destacando o que de mais significativo ocorreu durante a roda de conversa remota, finalizando com o preenchimento do questionário enviado às estudantes para avaliação do desenvolvimento do encontro. A roda de conversa remota foi gravada em vídeo com o propósito de compor a coleta dos dados e aprofundar a investigação do problema desta pesquisa<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com o CAEE 40920520.5.0000.5268.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

O colóquio remoto sobre o alijamento das escritoras negras no mercado editorial brasileiro foi originalmente elaborado para ser realizado em formato presencial com estudantes do IFRJ, Campus Nilópolis. Porém, com a situação pandêmica da doença COVID-19 no ano de 2020, as autoridades governamentais decretaram isolamento social fazendo com que milhares de atividades passassem a ser realizadas de maneira remota, incluindo as educacionais. Diante dessas circunstâncias, tornou-se necessário alterar a roda de conversa para o ambiente virtual, sendo repensada e adaptada ao novo contexto.

O contato com os alunos dos coletivos deu-se de modo on-line por meio do aplicativo de comunicação WhatsApp. Infelizmente, não foi possível realizar a coletas de dados com o grupo de Nilópolis, pois o contato inicial foi interrompido durante o período pandêmico. Daí, por intermédio do orientador da pesquisadora, a Direção Geral e de Ensino do Campus Pinheiral autorizaram formalmente a execução do colóquio junto aos membros do Coletivo Preto, Campus Pinheiral. A apresentação fluiu de modo muito agradável e a coleta de dados foi feita de modo exitoso, sem comprometer pormenores do projeto inicial.

A primeira comunicação com o Coletivo Preto se deu em conversa com a presidenta do grupo que, em seguida, compartilhou o contato dos outros membros, possibilitando o acesso virtual aos demais integrantes. Mediante as interlocuções pelo aplicativo WhatsApp, a pesquisadora pôde identificar-se e expor detalhadamente o seu projeto aos sujeitos do coletivo. Inicialmente, todos participariam, mas surgiram empecilhos ao longo do processo. Ora, o Coletivo Preto é formado por cerca de sete alunos do IFRJ Campus Pinheiral, porém, segundo a presidenta da equipe, o período pandêmico gerou um distanciamento entre os mesmos, ocasionando a redução das atividades e contatos entre eles. Mesmo assim, por meio do WhatsApp, combinou-se o dia e horário para a realização do colóquio. Cinco estudantes, em princípio, demonstraram interesse em participar da pesquisa; entretanto, uma participante com um filho bebê e um jovem cujo horário do trabalho coincidia com o bate-papo não puderam estar presentes. Em virtude desses fatos, três membros do coletivo compareceram à roda de conversa remota ministrada em um único encontro.

Reiteramos que a opção por um coletivo foi uma escolha metodológica. Afinal, os pressupostos do Grupo Focal priorizam a reciprocidade de informações, ideias, sentimentos e opiniões relevantes aos participantes para obtenção do sucesso da pesquisa nesse formato específico (GATTI, 2005). Ter um grupo com interesses primordiais no Ensino Médio Integrado fez toda a diferença, sobretudo em tempos pandêmicos. É claro que as



informações sobre o alijamento da mulher negra em espaços de privilégio precisam ser disseminadas entre todos, sem dúvida. Porém, produzir um trabalho sobre escrevivências da negritude feminina perpetrado por uma mulher afro-brasileira e direcionado a jovens afrodescendentes deu, à execução do projeto, ainda maior legitimidade, pois proporcionou experiências empíricas focais e específicas de e para adolescentes negras que vislumbram a educação como estratégia de escape dum ciclo histórico vicioso. Ciclo esse pautado na manutenção de classes, na servilidade do corpo feminino negro circunscrito na esfera da domesticidade e escravidão informal. Constatar que a escrevivência das autoras se estendia às experiências pessoais de todas as presentes beneficiou a discussão sobre mulheres negras, promovendo identificação, empatia quanto à intelectualidade e participação da mulher afro-brasileira no universo das Letras.

Na noite anterior à data do encontro, o link para a sala de vídeo no Google Meeting foi enviado aos participantes. No dia do evento, a pesquisadora enviou mensagens de texto minutos antes do horário agendado com saudações, informando que a sala virtual se encontrava aberta. Com a presença de todas, demos as boas-vindas e lhes agradecemos a presença. Na abertura, explicou-se que o objetivo da pesquisa era promover um debate com reflexões sobre a ausência de escritoras no mercado editorial brasileiro séculos anteriores e a recente participação da mulher negra no mundo das Letras em território nacional. Informamos também que a proposta era propiciar um espaço seguro de compartilhamentos (WAESCHAUER, 2001). Logo após, as participantes expuseram informações próprias, falando de como os textos retratavam suas experiências pessoais e como lhes traziam representatividade. Para composição deste trabalho, algumas falas das participantes foram gravadas em vídeo e transcritas conforme ditas com base na seguinte premissa:

[...] todo discurso [funciona] como prática social. A linguagem, então, não é vista como um mero epifenômeno, mas como uma prática em si mesma. [...] Realçar isto é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social. Como atores sociais, nós estamos continuamente nos orientando pelo contexto interpretativo em que nos encontramos e construímos nosso discurso para nos ajustarmos a esse contexto [...] Os analistas do discurso argumentam que todo discurso é circunstancial (GIIL, 2008 p. 248,249).

Incluindo as falas das participantes, pormenorizaremos, doravante, os passos que compuseram o encontro. É pertinente reiterar que todo o conteúdo utilizado para a roda de conversa remota foi feito em formato de apresentação de slides com o intuito de provocar dois grandes momentos de reflexão. A primeira sequência de imagens foi elaborada para que os componentes do Coletivo Preto, Campus Pinheiral, se debruçassem sobre o conceito de

trabalho e como se dão as questões raciais nas práticas laborais historicamente construídas no Brasil. A segunda sequência de projeções trouxe a proposta de debater sobre a histórica exclusão que sofreram/sofrem escritoras negras no mercado editorial, e, por conseguinte, valorizar tais profissionais como sujeitos autênticos na produção literária brasileira. Com isso, ressaltamos também a importância de textos de autoras afrodescendentes integrem o cânone literário nacional em nome da diversidade.

Para iniciarmos a reflexão no colóquio, apresentamos três imagens com o objetivo de fazer as participantes identificarem que as funções culturalmente produtivas são historicamente determinadas por uma hierarquia de classes profundamente marcada por questões raciais. Escolhemos uma tela do pintor Candido Portinari por ser um artista plástico modernista que representou, em sua arte, a cultura, questões sociais e históricas do Brasil. Alguns dos seus quadros retratam trabalhadores brasileiros em diversas circunstâncias, sendo, desse modo, importante fonte para àqueles que estudam, tematicamente, o trabalho no país. Contrastando as históricas condições de trabalho para o negro no Brasil, recorreremos a fotografias da Academia Brasileira de Letras por ser a instituição que melhor representa o ofício da arte literária.

Assim sendo, a primeira imagem apresentada foi a obra *Café* (1935) do Candido Portinari, a segunda foi o retrato de alguns membros da Academia Brasileira de Letras tirada no ano de 1901, e a última foi uma fotografia recente da Academia Brasileira de Letras de 2018, incluindo alguns membros pertencentes. Cada imagem foi apresentada separadamente e, em seguida, colocada lado a lado para análise. Pediu-se aos estudantes que observassem as três imagens e comentassem sobre a percepção que dispunham a respeito das ilustrações. A E1 expressou-se da seguinte maneira:

Na terceira imagem é basicamente pessoas brancas. Majoritariamente homens, acho. É que eu só vi uma mulher ali no máximo duas. É que não estou enxergando. Na figura dois, a mesma coisa. Ali no meio, eu consigo enxergar um homem preto, mas não tenho certeza. É uma foto em preto e branco. E a primeira imagem é aquilo que a gente conhece: café, trabalho, pessoas pretas estão ali lindamente; lindamente não, infelizmente, e é isso, isso que consigo observar, não fazendo uma análise muito profunda.

Após a fala da E1, apresentou-se o conceito marxista de trabalho que conceitualiza como toda ação intencional cria e recria a própria existência do homem, intencionalmente, modificando materiais da natureza para suprir as necessidades da nossa existência (PRONKO; NEVES 2008). Dessa vez, foi solicitado que refletissem sobre como o trabalho poderia ser relacionado com as imagens. A E1 comentou: “dá pra gente perceber que o

conceito de trabalho que é diferente pra cor, entre aspas”. Como observamos, a compreensão da diferença na composição dos trabalhadores entre as práticas laborais socialmente valorizadas e aquelas de maior exploração demarcadas pela cor manifestam-se na fala da estudante.

Dando continuidade à apresentação dos slides, através do recurso visual de uma fotografia com mulheres reunidas trabalhando numa fazenda, explicou-se que o foco da pesquisa eram escritoras negras e que, para tanto, passaríamos brevemente por uma breve reflexão histórica sobre a mulher afrodescendente e suas condições de trabalho no Brasil. Fazer esse apontamento levou as participantes a pensar que a correlação entre a exclusão das escritoras negras e as condições de produção de trabalho aponta para um problema social em grande escala: a saber, a exploração que sofrem muitas mulheres afro-brasileiras no mundo do trabalho. Relatamos que, desde que as mulheres negras, sendo arrancadas de suas tribos no continente africano, chegaram às terras brasileiras, foram submetidas a uma economia escravista e forçadas a trabalhar como escravizadas. Eram sexualmente abusadas e serviam como reprodutoras de força de trabalho (NASCIMENTO, 2006). A situação das mesmas na população economicamente ativa manteve-se praticamente igual desde o período colonial mesmo após a abolição, sendo confinadas em empregos de pior remuneração até os dias atuais.

Após a breve passagem pela história da mulher negra e o trabalho no Brasil, adentramos o segundo momento, voltado para reflexão sobre as escritoras negras e a exclusão que enfrentaram. Para introduzirmos esse debate, foram apresentadas fotografias das escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Perguntou-se aos participantes se as conheciam e o que estas tinham em comum. A E3 respondeu que eram mulheres pretas escritoras. E, no decorrer da roda de conversa a E3 comentou que conhecia somente as duas primeiras escritoras, ou seja, a Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, pois a professora de literatura da turma tinha trabalhado com essas autoras.

Em princípio, teriam sido contempladas seis autoras e sete textos literários na roda de conversa, mas, pela adaptação ao formato online e o tempo de tela para adolescentes, a apresentação passou a contar com a exposição de quatro autoras afro-brasileiras e trechos de três poesias. E por quê? Como critério de escolha, priorizaram-se os poemas que versam sobre as memórias e vivências de mulheres negras com relação ao trabalho. Para tanto, fez-se uma menção honrosa à Maria Firmina dos Reis por sua grandiosa contribuição para nossa literatura e por seu pioneirismo como mulher e negra no panorama nacional. Todavia, não

encontramos trechos literários que retratassem a temática de modo específico e objetivo na obra de tal autora. Então, exploraram-se poesias de outras escritoras mais recentes cujas respectivas obras ilustrassem claramente o tema para debate. Essa composição foi pensada para priorizar as interações dos participantes durante a atividade. Supomos que textos historicamente mais recentes pudessem melhor traduzir as situações do cotidiano pelas quais adolescentes passam. Então, para melhor funcionalidade e aproveitamento dos participantes, modificou-se o planejamento original, tendo em vista a administração do tempo e a disposição dos conteúdos de maneira eficaz no novo formato (GARCIA, *et al.* 2020). De fato, as escolhas surtiram o efeito esperado.

Relatamos que, mais recentemente, algumas mulheres negras conseguiram, com muita dificuldade, exercer a função de escritoras, enfrentando um processo de exclusão no mercado editorial brasileiro. Demonstraram-se, então, alguns dos aspectos do alijamento da mulher afro-brasileira em espaços de privilégio no mundo do trabalho nacional. No primeiro ponto de discussão, destacou-se o surgimento do mercado editorial brasileiro em 1808 com a fundação da Imprensa Régia por D. João VI e o consequente impacto desse acontecimento sobre os escritores da época (EL FAR, 2006). No segundo, expôs-se o fato de como a profissão de literato era majoritariamente destinada a pessoas brancas, desde os escritores, críticos literários até o público receptor (CUTI, 2010). O último ponto apresentado referiu-se ao silenciamento e invisibilidade impostos à mulher negra brasileira. Pontuaram-se mecanismos de exclusão e racismo, salientando o grave apagamento das escritoras negras no universo da literatura e sua pequena visibilidade até os dias de hoje (SANTIAGO, 2012).

Iniciamos, então, a etapa da apresentação das autoras selecionadas para a roda de conversa. Para isso, foram feitos slides com fotografias e uma breve biografia das autoras. A primeira escritora apresentada em menção honrosa foi Maria Firmina dos Reis pela importância já salientada. A segunda escritora negra foi a Carolina Maria de Jesus<sup>7</sup>, sendo literariamente representada pelo poema “Quadros”<sup>8</sup>, como já dito. Após a declamação do excerto, a E1 fez a seguinte fala:

O poema tá com uma linguagem bem direta. É bem fácil de ler e a gente não consegue nem saber se foi escrita há cem anos atrás, ou se foi por uma mulher dessa sociedade agora. Não mudou tanta coisa assim, infelizmente (E1).

<sup>7</sup> Obra de registro mnemônico, o primeiro livro de Carolina Maria de Jesus a ser publicado foi **Quarto de despejo: diário de uma favelada** (1960), composto por fragmentos de um diário pessoal da autora editados por Audálio Dantas.

<sup>8</sup>JESUS, Carolina Maria de. Quadros. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 197-202

Quando indagadas sobre o que acontecia com as intelectuais negras em relação aos respectivos sonhos e vocações, tivemos a seguinte resposta das alunas:

Acontece que basicamente elas são chamadas de loucas. Ninguém acredita que isso possa fazer. Uma mulher negra, principalmente se for uma mulher periférica, mais difícil ainda. Mesmo se não for, ainda é taxada como louca, como a sonhadora demais. Tá sonhando muito alto. Hoje em dia e antigamente também. E ela retrata isso muito bem aqui. É taxada como louca e tem um papel para negra na sociedade que é ter trabalho como doméstica ou ser dona de casa (E1).

Nessa fala, percebe-se a ideia de que, quanto mais vulnerável economicamente for a mulher negra, mais, em xeque, coloca-se sua sanidade mental, se ela aspira a desafiar as estruturas racistas e participar do mundo das Letras.

A terceira escritora negra a ser citada foi Conceição Evaristo, uma autora que traz, em suas obras, o retrato da mulher afro-brasileira com uma perspectiva afrocentrada. Usa as escrituras para fazer um resgate da memória ancestral e narrar a vivência coletiva dos afrodescendentes (AZEVEDO, 2015). Também, como já explicitado, o texto escolhido para a roda de conversa foi o poema “De mãe”<sup>9</sup>. Nisso, as estudantes expressaram o que sentiram com a recitação do poema da seguinte forma:

Com certeza é bem forte, porque só pelo palavreado que ela usa, pelas metáforas que ela usa, a gente consegue perceber que é uma coisa bem forte. Tem uma parte que me chamou atenção: “Foi mãe que me fez sentir as flores, amassadas debaixo das pedras” que eu achei essa metáfora muito bonita e forte também. Não sei nem explicar o porquê na verdade, mas me chamou atenção essa parte (E1).

Quando indagadas sobre o incentivo que a sociedade dá para as mulheres negras com aspirações a escritoras, a seguinte fala foi proferida por um dos participantes assim:

A sociedade, ela meio que encobre muito. Tipo, não é tão visível o trabalho da mulher preta. Já não é tão visível pelo fato histórico, né? Porque, querendo ou não, quando as mulheres brancas iam lutar pelos seus direitos, as mulheres negras ainda ficavam em casa cuidando dos filhos das mulheres brancas. Então tem muito isso. É meio que as mulheres brancas começaram a buscar seus valores e as mulheres negras ficaram em casa. Então sempre esse estímulo para as mulheres negras, sempre colocando elas embaixo, sabe? Sempre as de pele branca em cima, e as de pele negra embaixo, refletindo isso. Então, mesmo na parte da literatura da escrita e tal, as mulheres negras sempre meio que abafadas, sabe? Não é uma coisa mais visível e muitas delas é até bem melhores, na minha opinião, que as brancas na escrita; mas, devido a esses fatos, essas coisas, já o racismo que sofrem, o machismo, elas acabam ficando não visível ao tanto que deveriam para a sociedade (E2).

---

<sup>9</sup> EVARISTO, Conceição. De Mãe. In: ---. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 79-80

A fala de E2 vai de encontro ao que argumenta Lélia Gonzales (2020) quando expõe as relações de trabalho entre o gênero feminino, salientando que “a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra” (GONZALES, 2020, p. 43). Corroborando também com as considerações teóricas que Florentina Souza (2012) faz sobre escritoras da literatura afro-brasileira, frisando que, devido à tradição patriarcal na literatura, as autoras negras têm sido pouco representadas nas histórias e críticas literárias. Suas obras foram, muitas vezes ignoradas e ganharam o selo de literatura de qualidade inferior, não fazendo parte dos cânones da literatura nacional.

A cerca da presença, valorização e participação significativa da escritora afro-brasileira no mercado editorial atual, a fala da E1 é contundente, ao afirmar:

Não, definitivamente não. Primeiro porque os livros escritos pelas mulheres pretas não são valorizados e não são divulgados como deviam. Eles não colocam uma recente escrita de uma mulher preta numa vitrine pra dizer que é um *best-seller*. Inclusive quase nunca vejo. Geralmente tá sempre escondidos entre aspas nas livrarias. A gente tem que dar uma procurada pra se a gente quiser achar uma mulher preta, uma escrita de uma mulher preta, dependendo se é romance ou se é literatura brasileira, a gente precisa dar uma procurada. Qualquer gênero que seja (E1).

Nessa situação, fica nítida a percepção empírica que as estudantes têm no que se refere à inclusão de escritoras negras no mercado editorial brasileiro, e como ainda predomina o fato de autores brancos continuarem recebendo mais destaque. Na roda de conversa, as estudantes relataram suas vivências particulares com autoras afro-brasileiras, elogiando o trabalho da professora de literatura que lhes apresentou escritoras negras:

Isso meio que já tá na nossa sociedade, porque igual ela só foi conhecer obras de mulheres pretas no IF que a nossa professora de literatura apresentou. Porque até então no ensino fundamental, no primário nunca tinha visto nada de mulheres negras entendeu? Isso já uma coisa que já tá predominante na nossa sociedade, tende a esconder sabe querendo ou não (E2).

As participantes expressaram uma carência persistente na educação brasileira que é a invisibilidade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Apesar da vigência da Lei 11.465/08 a respeito da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, nas instituições educacionais ainda existe uma ausência destas temáticas, sendo os professores que as abordam uma exceção.

A última escritora negra apresentada foi a Cristiane Sobral com seu poema

“Ancestralidade na alma”<sup>10</sup>. Este momento da roda de conversa foi extremamente rico, em tal instante, as estudantes compartilharam, emocionadamente, vivências pessoais, sentindo-se seguras num espaço de troca e acolhimento. Percebeu-se uma esfera de confraternidade entre membros do grupo. Na ocasião, foi possível exprimir episódios concernentes às questões raciais e identitárias que atravessam a mulheridade negra numa sociedade racista. A partir daí, os seguintes depoimentos surgiram com referência à dominação ao corpo das afro-brasileiras instigados pela poesia recitada:

Tá de modo bem forte, ela joga as palavras mesmo sem maquiagem, sem usar metáforas, eu gosto de poemas simples que causam mais impacto. As metáforas, apesar de eu adorar figura de linguagem, eu gosto desses diretos, porque eu gosto do impacto, e fica bem claro, bem claro mesmo que ela não quer estar nessa posição de dominada, ninguém quer estar nessa posição na sociedade. Mas ela fala isso de uma forma bem forte do que a gente já sabe, ela fala do corpo dela hipersexualizado. Quando ela diz que os seios dela são fartos, mas não são para amamentar que é aquela história que todo mundo conhece da ama de leite e tal (E1).

Nessa coisa que você falou dá gente aguentar tudo nas costas até mesmo no contexto da solidão da mulher negra isso me lembra sempre como as mulheres negras sempre tem alguma coisa a falar sobre como elas teve que aguentar uma coisa que outra mulher não aguentaria. [...] Que as mulheres negras precisam aguentar bem mais porque são taxadas pela cor da pele delas. Acha como uma coisa boa, você tá sendo taxada como mulher forte na sociedade, mulher guerreira, que corre atrás das coisas, que aguenta tudo. Mas não é isso sabe? É essa solidão, é ter que aguentar isso tudo e a solidão. Ninguém tá ali. E chegar pra você e falar “Ah, eu faço isso por você. Não tem que ser forte o tempo todo”. É bem pesado e ela deixa bem claro no poema. Ela fala mesmo. Fala que não tem que aguentar isso. A parte que achei legal nesse poema que é: “faço questão de ser negra nessa cidade descolorida, doa a quem doer. Faço questão de empinar meu cabelo cheio de poder encresperei sempre”, eu gostei muito dessa parte porque é uma parte que a gente usa como resistência. Colocaria num cartaz pela cidade e diria “Olha, é isso mesmo!”. É tudo isso que falei sobre a solidão. Se aplica muito nesse poema. Ela tá basicamente dando um grito de que não aguenta mais, que não quer mais isso, tanto que não usa nenhuma linguagem metaforada. É bem direta. Ela só não aguenta mesmo (E1).

Acho muito interessante também o título que é “Ancestralidade na alma”, que muitas pessoas já chegaram pra mim porque eu falo pra todo mundo: eu me orgulho de ser uma mulher negra e eu, comentando isso com uns amigos meus, muito deles já chegaram pra mim e já falaram “ah que nem é negra, você é morena”, sabe? E me dói na alma quando me chamam de morena, não suporto. Aí falei pra eles: “Me considero negra”. Na minha visão, eu percebo que sempre tentam embranquecer, sabe? É morena, é o cabelo. Então, é meio que da minha parte como pessoa negra. Eu tenho orgulho, entendeu?, de ter o cabelo cacheado, crespo, de ter o nariz mais achatado. Só que eles acham que eu não tenho orgulho, entendeu? A sociedade acha que a gente não tem orgulho e tenta amenizar, colocando esses tipos de nomes como morena na nossa cor. E eu acho que esse texto ficou muito visível isso quando ela fala que tem orgulho do cabelo, de crespo, entendeu? Acho que esse texto ficou muito marcado pra mim essa parte

<sup>10</sup> SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade na alma. In: ---. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. p. e-book.

(E2).

Eu acho que assim; uma coisa que me chamou atenção também nesse texto, já entrando já nessa parte que vocês estão falando de cabelo, é que ela fala de uma forma que eu acho tão linda, porque eu também cortei meu cabelo recentemente, e as pessoas se sentem muito confortáveis para criticar o cabelo que é cacheado crespo ou tem um volume a mais. Ele se sente confortável que é como se fosse errado usar o cabelo assim. Ela fala de uma forma que doa a quem doer eu sou assim, eu vou ser assim e eu vou continuar empinando, você tá aí e eu não tô nem aí. Só que é uma forma que não vai deixar a pessoa confortável com o racismo dela, que as pessoas só se sentem confortáveis com o racismo dela quando elas fingem que não reconhecem que são racistas e a gente fica “ah tá bom...” A forma como ela se empodera dela mesma é muito lindo (E3).

Encontramos, nas falas das participantes, pautas muito caras para o movimento feminista afro-brasileiro. Os relatos delas reflete o que Neuza Santos Souza (2019) diz sobre a supressão da identificação negra quando as supostas características do branco são maximizadas nos corpos e na subjetividade do sujeito. Tais discursos que usam branqueamento como eufemismo racial negam a negritude da pessoa. Considerar-se negra é ter vivido com a identidade sendo massacrada, confundida, submetida às exigências e expectativas alienantes. E, acima de tudo, é estar comprometida com resgatar suas histórias e se recriar nas potencialidades de um empoderamento advindo dessas discussões. As falas das discentes também refletem as alegações de Gonzales (2020) acerca da pessoa negra ser vista como um objeto sexual e de entretenimento num processo de manipulação e exploração corporal socioeconômica. Há um mito da democracia racial no país, dentro do qual jaz a falsa premissa de que todos os cidadãos sejam iguais, livres de preconceito e discriminação, enquanto o que se verifica, na prática, não condiz com o senso comum da branquitude (Gonzales, 2020).

Tais observações fazem-nos perceber uma direta identificação entre as adolescentes que, mesmo tendo de enfrentar inúmeros desafios de inclusão no mundo intelectual brasileiro, sentiram-se encorajadas não só com a escritura das autoras supracitadas, mas também com a proposta da pesquisa de lhes ir ao encontro por meio da intervenção social, em prol de uma palavra de sororidade e ânimo para uma nova geração de mulheres negras, sobretudo, durante os difíceis tempos de pandemia. Houve um misto de consolo, motivação e gratidão nas considerações finais das alunas, apresentadas no transcorrer desse tópico.

Percebemos também, pelas falas proferidas pelas participantes, como a sensibilidade artística das escritoras negras produz instrumentos de resistência para leitores afrodescendentes, fortalecendo-os como um coletivo no enfrentamento dos obstáculos da vida (AZEVEDO, 2015). As alunas também entenderam a literatura feminista negra brasileira como veículo de divulgação das experiências empíricas por meio de denúncia



social. Em relação a isso, a E3 concedeu o seguinte depoimento:

Sim, eu vou citar dois livros que eu comecei. **Úrsula** eu ainda não comecei. Eu só li uma parte. E o **Quarto de Despejo** que eu percebo que são livros [que] você lê, você vê claramente o que a pessoa tá passando. É tipo uma denúncia do que acontece. Eu acho isso muito importante, mas as pessoas acabam não valorizando a literatura da mulher negra. Espero que isso melhore um dia, mas acredito que elas usam o livro. A fala, é como se fosse um microfone delas, que elas têm falas ali (E3).

Para o fechamento da roda de conversa, retomamos à pauta principal, destacando o que mais significativo ocorreu durante a mesma. Essa etapa se mostrou muito importante para as participantes falarem como se sentiram e quais foram as contribuições que o evento trouxe. As opiniões das três participantes a respeito do colóquio foram estas:

É bastante importante mesmo. Esses diálogos são tão impactantes, que impacta a nossa vida de qualquer modo. Eu realmente gosto de ter esses diálogos, que a gente sai da roda pensando sobre isso. Depois até dou umas pesquisadas, vejo algumas coisas. Eu gosto desse tipo de diálogo que provoca um sentimento na gente de ficar depois da roda fazendo alguma coisa em relação a isso (E1).

Eu acho que essa é também uma forma de evoluir porque igual como elas escrevem, usam o texto como um grito de fala. Você também, pesquisadora, fez isso de toda maneira; porque você apresentou esse tema pra gente tão importante na nossa sociedade atual. É meio que você, pesquisadora, já passou pra gente como a sociedade age perante as mulheres negras. Então a gente, assim, vai passar pra frente. Quando alguma pessoa chegar para gente e perguntar algo do tipo, a gente vai saber explicar e vai saber mostrar como é. Então, querendo ou não, a gente quebra, vai quebrando aos poucos esse encobrimento sobre elas, as mulheres negras. O que as mulheres negras passam. Então, achei isso muito importante também. (E2).

Eu também achei muito importante questionar isso porque é o que você, pesquisadora, tinha dito, eu tive essa literatura com a professora [...]. A gente sabe que nem todos os professores são assim [...]. Na verdade, ela abre mão de algumas coisas, é tipo um momento de resistência dela, ela mesma fala isso, tanto que quando entra uma professora substituta, a gente não tem acesso a essas pessoas. Começa a ter acesso a escritores antigos, brancos, homens, e eu acho que é importante a gente falar sobre isso pra saber, porque que não é estudado isso, porque eu acredito que isso também deveria ser estudado na escola, mas não é. Porque, infelizmente, a gente sabe que [é] desde antigamente, e isso vai continuar se perpetuando por algum tempo se a gente não se questionar agora sobre o que está acontecendo. Isso é muito importante (E3).

Também como já apontado, um questionário feito na plataforma digital Google Forms foi entregue aos participantes através de um link. A avaliação geral foi positiva, as respostas escritas reforçaram os resultados já expostos pelos participantes em suas falas, afirmando ter sido uma experiência satisfatória e rica de aprendizado, como pudemos ver nos relatos supracitados. Segundo eles, a presença de uma pesquisadora negra propiciou um contexto em que as falas foram se construindo de maneira orgânica, intimista, acolhedora, deixando as participantes “à vontade” e seguras para relatarem experiências pessoais sem receio.

Portanto, no que se refere ao objetivo da pesquisa; a saber, promover a reflexão crítica dos alunos participantes do Coletivo Preto sobre o histórico alijamento da escritora negra como profissional no mercado editorial, temos, como percepção, que a aplicação do produto educacional e os resultados da pesquisa constituíram uma experiência exitosa. Na fala das estudantes, observamos como ainda é recorrente a ausência de escritoras negras no mercado editorial brasileiro, e como as alunas enfrentam e enfrentarão desafios ao vivenciarem a condição de afro-brasileiras no contexto em que nos encontramos. E, como resultado dessa reflexão, a pesquisadora e participantes da pesquisa estão em pleno acordo com o fato de que necessitamos de mais espaços em que se discutam não somente a produção das escritoras afro-brasileiras, mas a participação da mulher afrodescendente em espaços de privilégio e intelectualidade no Brasil como um todo. Falar sobre as escritoras em voga foi apenas uma questão didática e estratégica para se discutir a questão do silenciamento da mulheridade afro-brasileira, porém a realidade da mulher negra ainda transcende, em muito, o nicho das escritoras. É preciso defender uma educação omnilateral que atenda às necessidades desta mulher, que a empodere e que a liberte, definitiva e amplamente, de uma herança de domesticidade escravagista.

## 5 CONCLUSÕES (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Este trabalho teve o intuito de contribuir com a formação educacional não-formal, considerando pressupostos do Programa de Mestrado em Rede Nacional PROFEPT. A presente pesquisa ressaltou a importância de vislumbrarmos o labor como atividade dignificante e não um mecanismo de exploração de corpos subalternos. Em conformidade com as teorias marxistas, o trabalho é determinado historicamente, seguindo a especificidade de cada etapa no modo de produção e contextos específicos. Assim sendo, o labor exerce o poder de determinar a significação existencial do indivíduo, influenciando como o mesmo se vê e é visto pela sociedade (FRIGOTTO, 2018). Quando confrontamos questões de raça e etnia em discussões trabalhistas em espaços supostamente pós-coloniais, ficamos diante de um quadro em que cargos mal remunerados e desvalorizados são preenchidos majoritariamente pela população negra, ficando as posições de liderança e prestígio reservados para a branquitude. Ampliando a complexidade da temática numa perspectiva interseccional, que aglutina questões étnico-raciais e de gênero, percebemos implicações maiores na questão de empregabilidade para a mulher negra, visto que o processo de colonização também se baseia em raízes extremamente sexistas. Por fim, essa conjunção entre gênero e questões étnico-raciais são elementos decisivos para compreendermos os papéis subalternos que as mulheres negras desempenharam e desempenham na sociedade brasileira. Isso nos leva a concluir que a memória da negra, no que tange ao labor, migra da senzala para espaços de escravidão informal confinados na domesticidade em âmbito nacional. Ao falarmos de uma tradição de alijamento intelectual da mulher afrodescendente no Brasil, trouxemos reflexões sobre o modo com que o corpo feminino negro vem sendo visto e tratado historicamente e, por meio do colóquio, propusemos transformações sociais com vistas para a formação educacional voltada para uma sociedade igualitária, na qual sujeitos de todos os gêneros e condições étnico-raciais possam inserir-se no mundo do trabalho em condições respeitáveis e com pleno acesso à intelectualidade por meio da educação pública e de qualidade, em consonância com o pensamento marxista.

Os Institutos Federais de Educação, onde o Currículo Integrado é praticado no Ensino Médio com vistas para a formação crítica, vem procurando cumprir essa missão. Infelizmente, a recente reforma do Ensino Médio caminha contra os pressupostos da educação integral, omnilateral e humanista. O Novo Ensino Médio, proposto por meio da Lei nº 13.415/2017, traz uma educação visando à produtividade, flexibilização das áreas de

conhecimento, esvaziamento do currículo e preocupação com os resultados do desempenho escolar (FRIGOTTO; MOTTA, 2017). Este enfatiza uma educação voltada para a questionável aquisição de conhecimentos úteis para a produtividade, desenvolvimento de habilidades e competências aplicáveis a um modelo de trabalho acrítico e capitalista. Ao contrário da educação humanista do Ensino Médio Integral, no Novo Ensino Médio “a formação humana é diretamente articulada com a formação da força de trabalho, sendo esta considerada um dos fatores de produção, assim como o maquinário” (FRIGOTTO; MOTTA, 2017, p 358). Estamos diante de governantes que, por meio da reforma no Ensino Médio, propõem um projeto educacional que desvaloriza o protagonismo de futuros cidadãos, subjagam-nos à condição de mão de obra de forma reificante e lhes subtraem, o papel de sujeitos com direito a uma educação plena.

Considerando a importância da concepção de educação integral e como esta é implementada nos Institutos Federais de Educação, a pesquisa se deu com alunos do IFRJ, Campus Pinheiral, objetivando implementar reflexões de cidadania na rede, com vistas para uma qualificação educacional capaz de potencializar os aspectos do ser humano, seja física, intelectual e emocionalmente. Um dos apontamentos feitos durante a pesquisa e aplicação do produto educacional são os poucos trabalhos de autoras afro-brasileiras publicados em razão do racismo, machismo e a exploração de classes como expressões que silenciam e reprimem as mesmas. Daí, refletimos criticamente sobre a relevância de uma crescente inserção das afrodescendentes no mundo das Letras. Afinal, as escritoras negras mantiveram-se exclusas do mercado editorial brasileiro, estando sujeitas a uma crítica e recepção maciçamente brancas. A elite patriarcal em que a literatura brasileira era produzida impossibilitava a participação da mulher negra. Com a ocupação dessas desbravadoras em espaços antes a elas negados, as literatas afrodescendentes enfrentaram a invisibilidade de seus nomes bem como a recepção negativa de suas produções literárias, preconceituosamente conhecidas como obras de qualidade inferior. Essa condição de silenciamento da mulher não branca cria, nas autoras negras, o ímpeto de produzir textos com tons de protestos e reivindicação do direito de romper com essa afasia. Usam a voz para lutar pelo fim da dominação, ocupar a posição de sujeito e não objeto narrado por outra pessoa, não mais sendo subjgadas. Através da arte, as escritoras afro-brasileiras fornecem instrumentos de resistência necessários para encarar uma sociedade racista e sexista. Tais ideias foram debatidas conjuntamente com estudantes do Coletivo do IFRJ/Pinheiral, com foco na ausência da mulher negra no universo editorial em consonância com os pressupostos teóricos do PROFEPT.

Após a concretização do colóquio com o intuito de discutir a exclusão da mulher afro-brasileira no mercado editorial, observamos a participação entusiasmada dos estudantes ao longo do encontro virtual. Tal ambiente informal de aprendizagem tornou-se um espaço acolhedor e seguro em que os participantes puderam dialogar livremente e verbalizar suas experiências. Através de suas narrativas pessoais, identificamos que o bate-papo em grupo trouxe reflexões pertinentes acerca da exclusão das mulheres negras escritoras, o papel destinado às mulheres negras historicamente construído, as violências racistas que estas enfrentam na sociedade, bem como a importância e o desejo de espaços e oportunidades para aprender mais sobre tais escritoras e suas respectivas obras. Com isso, compreendemos que a roda de conversa pôde promover uma reflexão crítica nos alunos sobre o alijamento da profissional escritora negra no mercado editorial nacional, fortalecendo os pressupostos teóricos da educação técnica e tecnológica para a formação humana integral, comprometida com uma sociedade mais democrática e igualitária. Que o presente trabalho e seu produto educacional promovam motivação numa nova geração de intelectuais negras.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. Disponível em: [https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para\\_reinventar\\_as\\_rodas.pdf](https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para_reinventar_as_rodas.pdf) Acessado em 10/01/2020.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. In: **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1459/500> Acessado em 25/01/2020.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/7956/5723> Acesso em 16/11/2018.
- AZEVEDO, Mail Marques de. A escrivência na literatura feminina da diáspora negra. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.) **Panorama da literatura negra Ibero-Americana**. Curitiba: Imprensa UFPR, 2015. p. 324 – 358.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. In: **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: [https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis\\_v19\\_n1\\_1998\\_art\\_01.pdf](https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf). Acessado em 05/11/2019.

CANTON, Kátia. **Tempo e memória**. Disponível em: <https://edoc.site/download/214314326-tempo-e-memoria-de-katia-cantonpdf-pdf-free.html> Acesso em 16/11/2018.

COSTA, Maria Adélia da. **Metodologias ativas de aprendizagem aplicadas ao ensino remoto emergencial**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2020.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. E-book.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. In: **Revista da Fundação Palmares**. (Ensaio). Brasília: Ministério da Cultura, 2005. Disponível em: [revista palmares set2005 nova entrevista colorpres.pmd](http://revista.palmares.set2005.nova.entrevista.colorpres.pmd) Acesso em: 16/11/2018

\_\_\_\_\_. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30 ed. Petrópolis: Vozes 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. vols. 1-4. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França. (Org.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2d. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 399 – 404.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2015.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; *et al.* **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas [recurso eletrônico]**. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. PDF

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In. GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOHN, Maria Gloria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas

colegiadas na escola. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf> Acesso em 16/11/2018.

GOMES, Heloisa Toller. “Visíveis e Invisíveis Grades”: Vozes de Mulheres na Escrita Afro-descendente Contemporânea”. In: **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia: EDUFU, Vol. 12, nº15, p.13-26, 2004.

GONZALES, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: RIOS, Flávia, LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 25-44.

\_\_\_\_\_. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia, LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. E-book.

\_\_\_\_\_. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2018. E-book.

JESUS, Carolina Maria. Quadros. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal/ Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991

LIMA FILHO, Domingos Leite; Moura, Dante Henrique; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 20 n. 63 out.-dez. 2015 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-1057.pdf> Acesso em 16/11/2018.

MARTINS, André Rosa; SEGUNDO, Mário San. Os ataques aos Institutos Federais: a restauração neoliberal radical no governo Temer. In: **Universidade e Sociedade** 61, janeiro de 2018. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1155219983.pdf> Acesso em 16/11/2018.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. In: **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222> . Acessado em: 11/05/2020.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 139, p.355-372, abr.-jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8hBKtMRjC9mBJYjPwbNDtk/?format=pdf&lang=pt>  
Acessado em: 17/08/2021.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. In: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun.2014 Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399> Acessado em 15/07/2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: (Org.). RATTTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento** São Paulo: Imprensa Oficial/ Instituto Kuanza, 2006. p. 102-106.

NEVES, Lucia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

SAFFIOTI, Heleith. I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3d. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2012.

SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade na alma. In: **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. E-book.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. – 4. ed. (atualizada) – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Florentina. Prefácio. In: SANTIAGO, Ana Rita. (Org.). **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2012. p. 9 - 13.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade no negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: LeBooks, 2019. E-book.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em Rede: Oportunidades formativas na escola e fora dela**. 2. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na Roda**. A formação humana nas escolas e nas organizações. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.



## APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional trata-se de um material desenvolvido como parte do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ, resultado da pesquisa realizada “A escritora negra no Brasil: memórias do alijamento e inclusão no mercado editorial”. Foi feito um projeto que objetivou fomentar as reflexões e debates sobre a ausência de escritoras negras no mercado editorial brasileiro.

O produto educacional desenvolvido constituiu-se numa roda de conversa remota, visando ser uma ferramenta para a promoção do diálogo a respeito da exclusão intelectual da mulher afro-brasileira durante séculos e do pequeno crescimento das escritoras negras no universo das Letras nacional nas últimas décadas. Este material didático tem como premissa se estabelecer como sugestão de algumas atividades lúdicas para desenvolvimento de práticas educativas que se comprometam com uma educação voltada para formação humana integral.

O material didático é constituído por um roteiro com breves informações sobre conceito de trabalho, mulheres negras e a prática laboral, as escritoras negras e o mercado editorial, presentes no colóquio virtual. Foram incluídas, também, concisas bases teóricas a respeito da roda de conversa.

Considerando que os Institutos Federais de Educação Profissional, Ciência e Tecnologia estão alicerçados em conceitos educativos comprometidos com o ensino integrado, optar pela roda de conversa remota para a construção do produto educacional em espaços de constituições dialógicas acerca das mulheres negras escritoras contribui para alcançar os objetivos do ensino integrado, baseado numa proposta pedagógica comprometida com uma formação holística e omnilateral capaz de promover o desenvolvimento das amplas faculdades físicas e intelectuais como um direito de todos (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015).

O anseio por uma educação humanizada, com uma abordagem profissional não dicotomizada entre trabalho intelectual e trabalho manual, cultura geral e cultura técnica, tendo por base no ensino de formação humana integral, omnilateral (LIMA FILHO *et al*, 2015), encontra, na metodologia da roda de conversas, a possibilidades de ser espaço ideal para este propósito. Dado que, este recurso oportuniza o diálogo e interação entre os sujeitos, favorecendo assim, uma melhor compreensão sobre si e sobre o outro, bem como uma relação do sujeito com o mundo (MELO E CRUZ, 2014).

As bases teóricas que sustentaram o colóquio remoto como produto educacional incluíram Gohn (2006), segundo a qual a educação não-formal deve ser compreendida como uma área de

conhecimento que possibilita processos educativos de construção de saberes via compartilhamento de experiências ocorridas em espaços e ações coletivas cotidianas. Warschauer (2001 e 2017) qualifica a roda de conversa como processo de partilha que favorece o desenvolvimento criativo individual e coletivo; já Afonso e Abade (2008) discutem a roda de conversa como um incentivo para participação e reflexão sobre os projetos de vida e suas relações com o mundo. Tânia Cristina Meira *et al* (2020) defendem a criação de colóquio por caracterizar o formato de Ensino Remoto Emergencial diante do momento ímpar que estamos enfrentando (a Pandemia da Covid 19). Semelhantemente, Maria Adélia da Costa (2020) descreve a trilha de aprendizagem síncrona como um momento em que a conexão acontece em tempo real entre educadores e alunos numa plataforma digital. Com base em tais conceitos, o colóquio foi perpetrado. O encontro virtual deu-se via Google Meeting com estudantes pertencentes ao Coletivo Preto, IFRJ/Pinheiral. A importância desse produto educacional para a educação profissional foi fortalecer os pressupostos de uma educação técnica e tecnológica para a formação humana integral, compromissada com a transformação social, trazendo um currículo político pedagógico engajado, envolvido com as ações formativas integradoras que promovem os sujeitos como seres plenamente desenvolvidos.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação  
Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)



# ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA REMOTA

A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL:  
memórias do alijamento e inclusão no  
mercado editorial

Rejany Lopes de Oliveira  
Autora

Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior  
Orientador

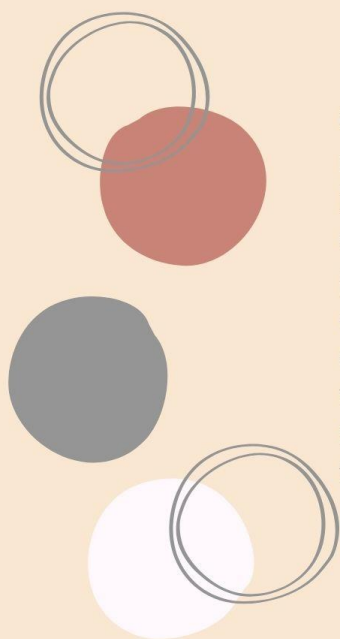
# SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	03
2. TRABALHO E MULHER NEGRA .....	04
3. A ESCRITORA NEGRA E O MERCADO EDITORIAL .....	05
4. RODA DE CONVERSA .....	08
5. RODA DE CONVERSA REMOTA .....	09
6. O ROTEIRO .....	10
7. HORA DE AVALIAR! .....	19
8. REFERÊNCIAS.....	20
9. Anexo.....	21

# APRESENTAÇÃO

Este material constitui o roteiro para o produto educacional desenvolvido como pré-requisito do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ.

A pesquisa realizada resultou no artigo expandido: “A ESCRITORA NEGRA NO BRASIL: memórias do alijamento e inclusão no mercado editorial” e no produto educacional com objetivo de fomentar reflexões e debates sobre a ausência de escritoras negras no mercado editorial brasileiro.



O produto educacional desenvolvido consiste numa roda de conversa remota, que visa a ser uma ferramenta para a promoção do diálogo a respeito das escritoras negras. Este roteiro tem, como premissa, figurar como sugestão de algumas atividades lúdicas para desenvolvimento de práticas educativas que se comprometam com uma educação voltada para formação humana integral. Ele destina-se aos educadores interessados em trabalhar com o tema de escritoras negras e o mundo do trabalho.

## TRABALHO E A MULHER NEGRA

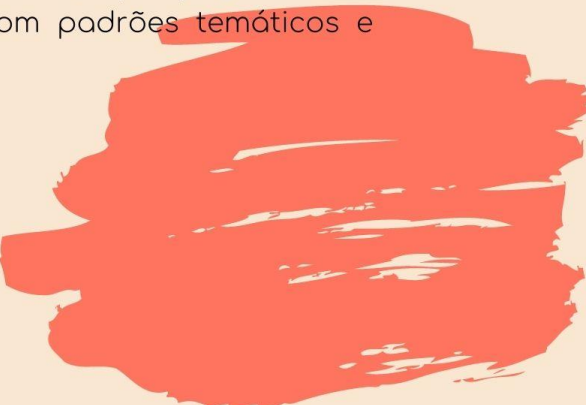
Segundo o pensamento marxista, o trabalho é toda ação intencional que cria e recria a própria existência do homem. Nós intencionalmente modificamos materiais da natureza para suprir as necessidades de nossa existência. O labor é determinado historicamente, seguindo a especificidade de cada etapa no modo de produção e o momento histórico.



Abordando a temática trabalho pela perspectiva étnico-racial e de gênero percebemos elementos contundentes de marginalização e exploração nos papéis que as mulheres negras desempenham na sociedade brasileira.

## A ESCRITORA NEGRA E O MERCADO EDITORIAL

As escritoras negras enfrentam uma histórica exclusão no mercado editorial brasileiro. Por séculos, elas não tiveram participação alguma devido à escravidão e por trabalharem em espaços sem prestígio após a Abolição da Escravatura. Desde o século XX, algumas mulheres conseguiram publicar suas obras literárias, mas não foram bem recebidas no mundo editorial. Uma das explicações levantadas foi o fato de que os autores negros e suas obras estavam sujeitos à recepção branca, que julgava tal produção literária criticamente com padrões temáticos e estéticos europeus.





## A ESCRITORA NEGRA E O MERCADO EDITORIAL

A razão dos trabalhos de escritoras negras terem sido negados foram: o racismo, machismo e a exploração de classes; elementos de manutenção do poder do homem branco que silenciaram e oprimiram a mulher negra. As sociedades hierárquicas e patriarcais em que a literatura era produzida impossibilitava a participação da mulher. No tocante às mulheres negras escritoras, a invisibilidade intelectual foi grave. Muitas vezes, obras de tais autoras foram ignoradas e ganharam o selo de literatura de qualidade inferior, não fazendo parte do cânone da literatura nacional.





## A ESCRITORA NEGRA E O MERCADO EDITORIAL

Essa realidade de apagamento cria, nas autoras negras, o ímpeto de produzir textos com tons de protestos e reivindicação do direito de romper esse silenciamento. Usam a voz para lutar pelo fim da dominação patriarcal e eurocêntrica, ocupar a posição de sujeito e não objeto narrado por outra pessoa. Através da arte, as escritoras afrodescendentes produzem instrumentos de resistência necessários para o enfrentamento dos obstáculos que surgem na vida.



## RODA DE CONVERSA

A roda de conversa é local em que os sujeitos participantes compartilham suas histórias individuais, suas experiências, características, qualidades, contribuem para a construção de um saber comum (WARSCHAUER, 2001).

A roda de conversa é uma maneira de desenvolver um projeto que incentiva a participação e reflexão. É um meio de sensibilização e motivação para pensar, de forma mais envolvente, sobre seus projetos de vida, suas relações com o mundo do trabalho etc. (AFONSO E ABADE, 2008).



## RODA DE CONVERSA REMOTA

Como esclarece Tânia Cristina Meira et al (2020), o Ensino Remoto não é sinônimo de Educação a Distância, apesar de estar diretamente relacionado à tecnologia digital. O Ensino Remoto utiliza plataformas digitais construídas para outros fins, não estritamente os educacionais, como ferramentas auxiliares para práticas educacionais inovadoras na situação de emergência que estamos passando com a Pandemia da Covid 19 .



# O ROTEIRO

## 1º Momento:

A abertura da roda de conversa remota se dá com a explicação do objetivo da pesquisa de promover o debate e reflexão a respeito das escritoras negras e, a histórica ausência delas no mercado editorial brasileiro bem como a pequena e recente participação das mesmas nesse ramo. Reafirmar que a proposta deve ser um espaço seguro de diálogo para os participantes expressarem suas opiniões, pensamentos, sentimentos e conhecimentos, um momento de partilha e construção de significados.

## 2º Momento:

Ilustrar a reflexão na roda de conversa com imagens sobre as funções produtivas e a divisão étnico-racial do trabalho.

# O ROTEIRO

Figura 1 - Café



Fonte: Projeto Portinari

Recorremos à pintura *Café* (1935) de Candido Portinari para retratar a mão de obra negra e escravizada numa plantação de café. Logo adiante, encontra-se uma mulher negra.

## O ROTEIRO

Figura 2 - Panelinha em almoço no Hotel Rio Branco



Fonte: Academia Brasileira de Letras

Em seguida, para ilustrar as diferenças étnico-raciais na divisão social do trabalho, escolhemos a fotografia dos primeiros membros da Academia Brasileira de Letras feita no ano de 1901. A Academia Brasileira de Letras teve sua sessão inaugural em 20 de julho de 1897, dispoendo como presidente Machado de Assis. Visualizamos como o trabalho intelectual era constituído predominantemente por homens brancos.



# O ROTEIRO

Figura 3 - Cerimônia de Posse do acadêmico Antonio Cicero



Fonte: Academia Brasileira de Letras

Para sinalizar que as condições do trabalho intelectual permanece na mão do homem branco nos dias atuais, utilizamos uma fotografia recente com alguns membros da Academia Brasileira de Letras num evento em 2018.

Com a exposição das imagens procuramos refletir que práticas discriminatórias são usadas para manter a força de trabalho negra confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Cerimônia de Posse do Acadêmico Antonio Cicero, 2018. Disponível em: [https://www.academia.org.br/sites/default/files/imagens/08\\_cerimonia\\_posse\\_antonio\\_cicero.jpg](https://www.academia.org.br/sites/default/files/imagens/08_cerimonia_posse_antonio_cicero.jpg). Acesso em 30/03/2021.

# O ROTEIRO

## 3º Momento:

Usar com o recurso visual fotografia de mulheres trabalhadoras para ter uma conversa aberta sobre a história da mulher negra e o trabalho no Brasil.

Figura 4 - Trabalhadores na Fazenda Junuca



Fonte: Google Arts & Culture

SILVA, Rogério Correia da. Trabalhadores na Fazenda Junuca, 1975. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/trabalhadores-na-fazenda-junuca-rog%C3%A9rio-correia-da-silva/2QHBBIF0FjYEuw?hl=pt-br>. Acesso em 30/03/2021



# O ROTEIRO

## 4º Momento:

Momento voltado para reflexão sobre as escritoras negras e a exclusão que enfrentaram no mercado editorial. Utilizar imagens de autoras afrodescendentes como recurso visual.

Figura 5 - Maria Firmina dos Reis



Fonte: Fundação Cultural Palmares

Figura 6 - Carolina Maria de Jesus



Fonte: Literafro

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Maria Firmina dos Reis, 2013. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/Maria-Firmino.jpg> Acesso em 30/03/2021  
LITERAFRO. Carolina Maria de Jesus, 2013. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em 30/03/2021

# O ROTEIRO

Figura 7 - Conceição Evaristo



Fonte: Revista Claudia

Figura 8 - Cristiane Sobral



Fonte: Literafro

SABORIDO, Pablo. Conceição Evaristo e sua defesa pelo registro das vivências populares, 2019. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/conceicao-evaristo-e-sua-defesa-pelo-registro-das-vivencias-populares/> Acesso em 30/03/2021

LITERAFRO. Cristiane Sobral. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral> Acesso em 30/03/2021

# O ROTEIRO

## 5º Momento:

Breve apresentação biográfica das autoras em destaque. Os textos sobre as escritoras abordadas encontram-se em anexo.

## 6º Momento:

Eis a exposição dos textos literários trabalhados.

- Maria Firmina dos Reis;
- Carolina Maria de Jesus e o seu poema "Quadros"<sup>1</sup>;
- Conceição Evaristo e o seu poema "De mãe"<sup>2</sup>;
- Cristiane Sobral e o seu poema "Ancestralidade na alma"<sup>3</sup>.

[1] JESUS, Carolina Maria. Quadros. In: ---. Antologia pessoal/ Carolina Maria de Jesus. Org. Meihy, José Carlos Sebe Bom. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 197-202

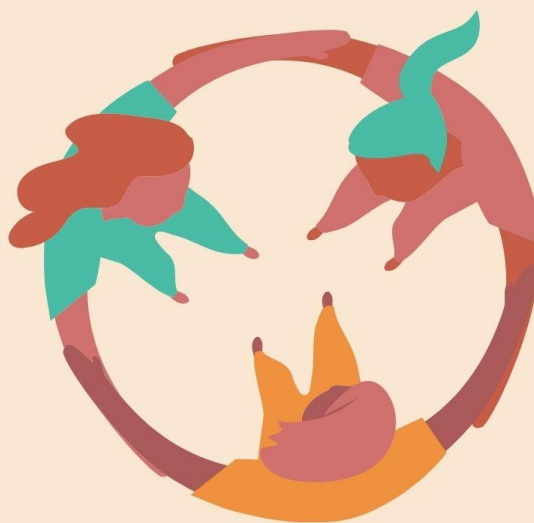
[2] EVARISTO, Conceição. De Mãe. In: ---. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 79-80

[3] SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade na alma. In: ---. Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. Brasília: Livro eletrônico, 2014. p. e-book.

# O ROTEIRO

## 7º Momento:

Fechamento da roda de conversa. Momento para retornar à pauta principal, destacar o que mais de significativo ocorreu. Etapa importante para os participantes falarem como se sentiram, sua percepção e a contribuição que ela trouxe.



## HORA DE AVALIAR!

É importante a avaliação da roda de conversa pelos participantes. É preciso escutar a opinião de todos acerca do trabalho desenvolvido e sua importância. A aplicação do questionário pode se dar de diferentes formas. No caso, utilizamos o Google Forms. É sugerida a aplicação do seguinte questionário aos participantes da roda de conversa:

### QUESTIONÁRIO

GÊNERO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: \_\_\_\_\_

A) Antes da palestra, você sabia que grande parte da população negra não ocupava cargos importantes em jornais e editoras no Brasil até o final do século XIX? Justifique sua resposta.

B) Qual sua opinião sobre a participação de mulheres negras no mundo intelectual brasileiro, sobretudo, no mercado editorial literário?

C) O que ficou de lição e aprendizado na roda de conversa de hoje?

D) O que mais lhe chamou a atenção no nosso bate-papo?

E) O que poderia ter sido melhor no encontro virtual?



## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. Para reinventar as Rodas. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. [https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para\\_reinventar\\_as\\_rodas.pdf](https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para_reinventar_as_rodas.pdf) Acessado em 10/01/2020.

COSTA, Maria Adélia da. Metodologias ativas de aprendizagem aplicadas ao ensino remoto emergencial. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas [recurso eletrônico]. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. PDF

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em Rede: Oportunidades formativas na escola e fora dela. 2. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. Para reinventar as Rodas. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. [https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para\\_reinventar\\_as\\_rodas.pdf](https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para_reinventar_as_rodas.pdf) Acessado em 10/01/2020.

COSTA, Maria Adélia da. Metodologias ativas de aprendizagem aplicadas ao ensino remoto emergencial. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas [recurso eletrônico]. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. PDF

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em Rede: Oportunidades formativas na escola e fora dela. 2. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

## Anexo

Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis é a primeira autora de romance de autoria feminina no Brasil, com *Úrsula*, (1859). Nascida aos 11 de outubro, 1825, São Luís do Maranhão, o nome de sua mãe era Leonor Felipa dos Reis, tendo sido a autora registrada por João Pedro Estevão (ou Esteves). Foi a primeira professora concursada no Maranhão em 1847. Em 1881, já aposentada em Maçaricó, fundou uma escola onde também recebeu crianças pobres das fazendas, possivelmente filhos de escravizados. Chegou a adotar 11 crianças.

O legado de Maria Firmina dos Reis inclui um vasto material com poemas em prosa, registros folclóricos, músicas e letras de valsas e hinos patrióticos charadas, logogrifos e enigmas. Conta também com os contos "Gupeva, romance brasiliense" (1861-1862) e "A escrava" (1887). Suas composições trazem consigo nacionalismo patriótico, bem como histórias de escravos e heróis que voltaram da Guerra do Paraguai (1865 - 1870). Ela também é autora do primeiro diário de mulher brasileira, o *Álbum*, publicado apenas em 1975. No *Álbum*, é uma autobiografia escrita pela Maria Firmina começando em 1853 com 28 anos com os últimos registros em 1903, quando ficou cega aos 78 anos.





## Anexo

Carolina Maria de Jesus

Provavelmente netas de escravizados, de uma família de trabalhadores rurais, Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade mineira de Sacramento em 1914. Carolina Maria de Jesus, mulher de pouca escolaridade, frequentou aproximadamente dois anos a escola enquanto morava em Minas Gerais, mudou-se para o estado São Paulo com sua mãe no ano de 1930, morando na cidade de Franca até 1937. Com o falecimento da mãe, trocou de cidade, indo para São Paulo capital. Desde sua chegada no estado de São Paulo, Carolina Maria de Jesus trabalhou como empregada doméstica (LAJOLO, 2014).

Enquanto morava na favela do Canindé, Carolina escrevia um diário a respeito do seu cotidiano. Lajolo (2014) informa que durante uma reportagem sobre a favela, Carolina Maria de Jesus e seu diário chamaram a atenção do jornalista Audálio Dantas, e em 1958 Carolina saíria no jornal paulista Folha da Noite, depois em 1959, numa matéria da revista O Cruzeiro. A repercussão sobre a vida da escritora despertou o interesse da Livraria Francisco Alves, que decidiu lançar o livro Quarto de despejo: diário de uma favelada. O livro foi composto de fragmentos do diário da Carolina editados pelo Audálio Dantas. A escritora morreu em 1977, deixando obras inéditas sendo administradas pela sua filha. Alguns foram publicados internacionalmente, e inúmeros manuscritos ainda continuam inéditos.



# Anexo

## Conceição Evaristo

Nascida em Belo Horizonte, aos 29 de novembro, 1946, filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino, Maria da Conceição Evaristo vem se tornando um nome notório na literatura nacional, sendo lida pelo grande público e estudada em diferentes departamentos de Letras no Brasil e exterior. Durante a adolescência, Evaristo trabalhou como doméstica e frequentou o Curso Normal no Instituto de Educação, escola situada na capital mineira. Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu a graduação de Letras – Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O título de Mestre em Literatura Brasileira, conseguiu-o cursando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Já o doutorado em Literatura Comparada, obteve pela Universidade Federal Fluminense (CAMPOS, 2014).

Sua vida profissional inclui o magistério na rede pública de ensino e atuação como funcionária da Secretaria Municipal de Cultura de Niterói, além de participar da Divisão de Cultura Afro-Brasileira. Outrora, fora também pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira. No campo literário, iniciou sua carreira em 1990, quando colaborou com o volume 13 da série Cadernos Negros, ao publicar seis poemas autorais. A partir de então, contribuiu com mais de uma dezena de Cadernos Negros e outros periódicos, principalmente com as publicações de contos. Além de promulgações em território nacional, seus textos também ganharam edições em âmbito internacionais.



# Anexo

Cristiane Sobral

Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro, num bairro localizado na zona oeste, no ano de 1974. Ingressou na carreira artística muito cedo, ao fazer curso de teatro no SESC em 1989. Formada em Artes Cênicas, tornou-se a primeira mulher negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília em 1998. Teve grande participação em espetáculos teatrais além de vídeos e cinemas (FERREIRA, 2011).

Foi a partir de 2000, que Cristiane Sobral iniciou a publicação de seus textos em um dos maiores divulgadores de literatura negra, a saber: os Cadernos Negros. Em seus textos, a autora costuma falar sobre ser mulher, suas perdas, desejos e fantasias. Ao representar experiências de vida em suas obras, promove, com isso, uma aproximação com a realidade social. De forma sensível e idiossincrática, “Cristiane Sobral se apossa das palavras para, poeticamente, transformá-las em uma bandeira de luta para a recuperação da autoestima da mulher negra” (FERREIRA, 2011, p. 507). Atuante no Movimento Negro, a escritora usa sua produção literária como ferramenta para denunciar questões raciais e sexistas.





# Referências

## Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. Conceição Evaristo. In: \_\_\_\_\_. Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 207 – 226.

FERREIRA, Vera Lucia da Silva Sales. Cristiane Sobral. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 1. Belo Horizonte. Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 3. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 505 – 518.

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 439 – 458.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 1. Belo Horizonte. Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 111 – 126.

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO**

GÊNERO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: \_\_\_\_\_

A) Antes da palestra, você sabia que grande parte da população negra não ocupava cargos importantes em jornais e editoras no Brasil até o final do século XIX? Justifique sua resposta.

B) Qual sua opinião sobre a participação de mulheres negras no mundo intelectual brasileiro, sobretudo, no mercado editorial literário?

C) O que ficou de lição e aprendizado na roda de conversa de hoje?

D) O que mais lhe chamou a atenção no nosso bate-papo?

E) O que poderia ter sido melhor no encontro virtual?

## ANEXO A – BIOGRAFIA

### **Maria Firmina dos Reis**

Maria Firmina dos Reis pode ser considerada a primeira autora de romance no Brasil, com **Úrsula, romance original brasileiro, por uma maranhense** (1859). Nascida aos 11 de outubro, 1825, São Luís do Maranhão, Maria Firmina dos Reis era mulata e bastarda. O nome de sua mãe era Leonor Felipa dos Reis, tendo sido a autora registrada por João Pedro Estevão (ou Esteves). Aos cinco anos de idade, passou a morar com a avó materna, a irmã Amália Augusta dos Reis e uma prima após o falecimento de sua mãe. Foi a primeira professora concursada no Maranhão, sendo docente primária a partir de 1847. Em 1881, já aposentada em Maçaricó, fundou uma escola onde também recebeu crianças pobres das fazendas, possivelmente filhos de escravizados.

Além da obra citada, o legado de Maria Firmina dos Reis inclui um vasto material com “poemas em prosa, registros folclóricos, músicas e letras de valsas e hinos patrióticos charadas, logogrifos e enigmas” (LOBO, 2014, p. 114). Conta também com os contos **Gupeva, romance brasiliense** (1861-1862) e **A escrava** (1887). Em suas obras, encontramos elementos típicos da sociedade escravista brasileira bem como verdadeira situação dos escravizados africanos na sociedade maranhense do século XIX. Sua vivência próxima aos cativos da região fez com que Maria Firmina dos Reis imprimisse, em seu legado cultural, um caráter realista da situação em que viviam pessoas não libertas (LOBO, 2014). Ela também é autora do primeiro diário de mulher brasileira, **O álbum**, publicado apenas em 1975. Essa obra é uma autobiografia da escritora, começando em 1853 aos 28 anos de idade, e finalizando, com os últimos registros em 1903, quando ficou cega aos 78 anos de idade.

Com isso, Maria Firmina dos Reis carrega o título de primeira romancista do Brasil e a primeira obra feita no país citando negros de forma respeitosa; isso há quase dois séculos. Maria Firmina dos Reis foi precursora do movimento de escritoras negras no Brasil, num ato emancipatório intelectual, cultural e social.

### **Carolina Maria de Jesus**

Provavelmente neta de escravizados, de uma família de trabalhadores rurais, Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade mineira de Sacramento em 1914. Teve pouca escolaridade, frequentando, aproximadamente dois anos, a escola enquanto morava em Minas Gerais. Com o falecimento da mãe, mudou-se para São Paulo, capital. Desde a chegada no estado de São Paulo, Carolina Maria de Jesus trabalhou como empregada doméstica (LAJOLO, 2014).

Enquanto morava na favela do Canindé, Jesus escrevia um diário a respeito do seu cotidiano. Lajolo (2014) informa que, durante uma reportagem sobre a favela, a escritora e seu diário chamaram a atenção do jornalista Audálio Dantas e Carolina foi noticiada no jornal paulista **Folha da Noite** em 1958 e na revista **O Cruzeiro** em 1959. A repercussão sobre a vida da autora despertou o interesse da Livraria Francisco Alves, que decidiu lançar o livro **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, composto de fragmentos do diário da Carolina editados pelo Audálio Dantas.

A escritora, com isso, passou a ter presença no meio literário brasileiro, recebendo homenagens em diferentes instituições, e participando em diversos festivais. Seu livro autobiográfico ganhou tradução para o inglês, italiano, japonês e alemão. Em 1965, recebeu tradução cubana e, em 1982, foi vertido para língua francesa. No Brasil, **Quarto de despejo: diário de uma favelada** recebeu reedições ao longo das décadas. Ainda em vida, Carolina Maria de Jesus publicou **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**, **Pedaços da fome** e **Provérbios** (LAJOLO, 2014). A escritora morreu em 1977, deixando obras inéditas sendo administradas por sua filha.

### **Conceição Evaristo**

Nascida em Belo Horizonte, aos 29 de novembro, 1946, filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino, Maria da Conceição Evaristo vem se tornando um nome notório na literatura nacional, sendo lida pelo grande público e estudada em diferentes departamentos de Letras no Brasil e exterior. Durante a adolescência, Evaristo trabalhou como doméstica e frequentou o Curso Normal no Instituto de Educação, escola situada na capital mineira. Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu a graduação de Letras – Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O título de Mestre em Literatura Brasileira, conseguiu-o cursando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Já o doutorado em Literatura Comparada, obteve pela Universidade Federal

Fluminense (CAMPOS, 2014).

Sua vida profissional inclui o magistério na rede pública de ensino e atuação como funcionária da Secretaria Municipal de Cultura de Niterói, além de participar da Divisão de Cultura Afro-Brasileira. Outrora, fora também pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira. No campo literário, iniciou sua carreira em 1990, quando colaborou com o volume 13 da série **Cadernos Negros**, ao publicar seis poemas autorais. A partir de então, contribuiu com mais de uma dezena de **Cadernos Negros** e outros periódicos, principalmente com as publicações de contos. Além de promulgações em território nacional, seus textos também ganharam edições em âmbito internacionais.

Nos mesmos, destaca-se a forma de como a escritora representa a crueldade do cotidiano dos socialmente excluídos de maneira poética. Vemos que a mescla de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente com os irmãos negros colocados à margem do *main stream*. Em seu primeiro romance **Ponciá Vicêncio** (2003), encontramos a narrativa de uma descendente de escravos, acompanhando sua infância nas terras dos antigos senhores até se tornar adulta numa favela metropolitana. Já em 2006, Evaristo publica **Becos da memória**: uma narrativa com a perspectiva de uma mulher afro-brasileira falando sobre moradores de uma comunidade carente prestes a sofrer remoção. De 2008, o livro **Poemas de recordação e outros movimentos** reúne poemas da Conceição Evaristo publicados em **Cadernos Negros** e em outras antologias. Em 2014, lança **Olhos D'água**, coletânea de contos sobre diversas mulheres negras que representam mães, também filhas, avós, amantes, mulheres com vidas cruzadas por vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e sensibilidade humanas.

### **Cristiane Sobral**

Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro, num bairro localizado na zona oeste, no ano de 1974. Ingressou na carreira artística muito cedo, ao fazer curso de teatro no SESC em 1989. Formada em Artes Cênicas, tornou-se a primeira mulher negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília em 1998. Teve grande participação em espetáculos teatrais além de vídeos e cinemas (FERREIRA, 2011).



Foi a partir de 2000, que Cristiane Sobral iniciou a publicação de seus textos em um dos maiores divulgadores de literatura negra, a saber: os **Cadernos Negros**. Em seus textos, a autora costuma falar sobre ser mulher, suas perdas, desejos e fantasias. Ao representar experiências de vida em suas obras, promove, com isso, uma aproximação com a realidade social. De forma sensível e idiossincrática, “Cristiane Sobral se apossa das palavras para, poeticamente, transformá-las em uma bandeira de luta para a recuperação da autoestima da mulher negra” (FERREIRA, 2011, p. 507). Atuante no Movimento Negro, a escritora usa sua produção literária como ferramenta para denunciar questões raciais e sexistas.

### Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. Conceição Evaristo. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 207 – 226.

FERREIRA, Vera Lucia da Silva Sales. Cristiane Sobral. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 1. Belo Horizonte. **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 3. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 505 – 518.

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 439 – 458.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 1. Belo Horizonte. **Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica**. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 111 – 126.

## ANEXO B – EXCERTOS DAS POESIAS

“Quadros”

[...]

Passei pelo mundo sofrendo  
 Não realizei as minhas vocações  
 E pouco a pouco fui perdendo  
 Ideal e todas ilusões.  
 [...]

Eu disse: o meu sonho é escrever!  
 Responde o branco: ela é louca.  
 O que as negras devem fazer...  
 É ir pro tanque lavar roupa.

Que vontade de chorar!

Que tristeza interior!  
 Não posso me conformar  
 Com a ausência do meu amor.

Todos a mim tratam bem  
 Mesmo assim não estou contente  
 Eu queria que alguém  
 Voltasse a mim novamente.

Tenho muita consciência,  
 Tenho senso e tenho noção,  
 Tenho dentro do meu peito  
 Nobre e bom coração.

(Antologia pessoal/ Carolina  
 Maria de Jesus, p. 197 – 202)

“De mãe”

O cuidado de minha poesia  
 aprendi foi de mãe,  
 mulher de pôr reparo nas coisas,  
 e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala  
 na violência de meus ditos  
 ganhei de mãe, mulher prenhe de  
 dizeres,  
 fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro,  
 veio dela todo o meu ganho,  
 mulher sapiência, yaba,  
 do fogo tirava água  
 do pranto criava o consolo.

Foi de mãe esse meio riso

dado para esconder  
 a alegria inteira  
 e essa fé desconfiada,  
 pois, quando se anda descalço,  
 cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou  
 para os cantos milagreiros da vida  
 apontando-me o fogo disfarçado  
 em cinzas e a agulha do  
 tempo movendo no palheiro.

Foi mãe que me fez sentir as flores,  
 amassadas debaixo das pedras,  
 os corpos vazios rente às calçadas  
 e me ensinou, insisto, foi ela,  
 a fazer da palavra artifício  
 arte e ofício do meu canto,  
 da minha fala.

**(Poemas de recordação e outros****movimentos, p. 79-80).**

“Ancestralidade na alma”

Minha alma não está nos meus pés

Não sou bicho de estimação

Meus dentes brancos não desperdiçam  
risos fúteis

Meus quadris largos não servem apenas  
gingar

Meus seios fartos!

Talvez não sejam destinados a  
amamentar

Eu não olho para o chão

Minha alma não está nos meus pés

Não sou bicho de estimação

Não sou animadora de festa

Nem carrego tudo e todos nas costas

Não sou o anjo negro consolador

Eu não olho para o chão

Minha alma não está nos meus pés

Não sou bicho de estimação

Escrevo palavras negras

Tatuando

A ancestralidade na alma

Para refletir a nossa luz.

Escrevi aquela estória escura sim Soltei  
meu

grito crioulo sem medo Para você saber

Faço questão de ser negra nessa cidade  
descolorida

Doa a quem doer

Faço questão de empinar meu cabelo  
cheio de poder

Encresperei sempre

Em meio a esta noite embriagada de  
trejeitos

brancos e fúteis

Escrevi aquele conto negro bem sóbria

Para você perceber de uma vez por  
todas

Que entre a minha pele e o papel que  
embrulha

seus cadernos

    Não há comparação parda cabível

Há um oceano

O mesmo mar cemitério que abriga os  
meus

antepassados assassinados

Por essa mesma escravidão que ainda  
nos

oprime

Escrevi Escrevo Escreverei

Com letras garrafais. Em vermelho vivo  
Pra você lembrar que jorrou muito  
sangue.

**(Só por hoje eu vou deixar o meu  
cabelo em paz, sp. 2014)**

**REFEFÊNCIAS**

EVARISTO, Conceição. De mãe. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

JESUS, Carolina Maria. Quadros. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Antologia pessoal/ Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade da alma. In: **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. e-book

